

BOLETIM COMEMORATIVO
DOS
75 ANOS
BODAS DE DIAMANTE
DOS
BOMBEIROS NOVOS
COMPANHIA VOLUNTÁRIA DE SALVAÇÃO PÚBLICA
GUILHERME GOMES FERNANDES



SEMPER ET UBIQUE

1908 * AVEIRO * 1983

D
06+61
425



bibRIA

COMPANHIA VOLUNTÁRIA DE SALVAÇÃO PÚBLICA

GUILHERME GOMES FERNANDES

BOMBEIROS NOVOS

BOLETIM COMEMORATIVO

1908 * AVEIRO * 1983

75º ANIVERSÁRIO

BODAS DE DIAMANTE

SUMÁRIO

• PALAVRAS DE AGRADECIMENTO DA DIRECÇÃO E DO COMANDO DOS BOMBEIROS NOVOS	PÁG. 3
• O QUE FOMOS	PÁG. 4
• O QUE SOMOS	PÁG. 5
• PROGRAMA COMEMORATIVO DO 75.º ANIVERSÁRIO DOS BOMBEIROS NOVOS	PÁG. 6
• DISCURSO DO BOMBEIRO, PALAVRAS MINHAS... POR: D. MANUEL, BISPO DE AVEIRO	PÁG. 7
• TOTAL DISPONIBILIDADE POR: DR. AURÉLIO GONÇALVES PINHEIRO, GOVERNADOR CIVIL DE AVEIRO	PÁG. 9
• DOCUMENTOS COMEMORATIVOS DO 75.º ANIVERSÁRIO DOS BOMBEIROS NOVOS:	
- GALHARDETE - desenho de GASPAR ALBINO	
- CARTAZ - desenho de SAÚL MARQUES FERREIRA	
- PRATO - pintura de CÂNDIDO TELES	PÁG. 10
- MEDALHAS - "LAYOUT" DE GASPAR ALBINO - ARTE FINAL DE SAÚL MARQUES FERREIRA	PÁG. 11
• O CONCELHO AGRADECE POR: DR. JOSÉ GIRÃO PEREIRA PRESIDENTE DA CÂMARA DE AVEIRO	PÁG. 13
• A PALAVRA DO PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DOS BOMBEIROS VELHOS - ULISSES RODRIGUES PEREIRA	PÁG. 14
Poema de JOSÉ DE CARVALHO ajudante de Comando dos Bombeiros Novos	PÁG. 14
• QUE OS "NOVOS" ENVELHEÇAM SEMPRE NOVOS POR: DAVID CRISTO	PÁG. 15
• AS LEIS POR QUE NOS REGEMOS	
- "FAC SIMILE" DOS PRIMEIROS ESTATUTOS DA COMPANHIA	
- "FAC SIMILE" DOS ESTATUTOS DE 1983	PÁG. 18
• REBUSCANDO NOTÍCIAS DUM PASSADO JÁ DISTANTE POR: MANUEL DOS SANTOS RIGUEIRA	PÁG. 19
• MEMÓRIAS DE HOMENAGEM AOS "GUILHERMES" POR: EDUARDO CERQUEIRA	PÁG. 23
• BOMBEIROS NOVOS - VELHOS BOMBEIROS POR: HUMBERTO LEITÃO	PÁG. 27
• RECORDANDO... POR: J. EVANGELISTA DE CAMPOS	PÁG. 29
• HOMENS QUE SE DÃO POR: PADRE JOÃO GONÇALVES GASPAR	PÁG. 33
• SILVO ESTRIDENTE POR: MANUEL FERREIRA MARQUES DAMIÃO	PÁG. 35
• DUAS LIÇÕES QUE MUITO AGRADEÇO POR: PADRE SEBASTIÃO ANTÓNIO RENDEIRO	PÁG. 37
• ANJOS DA GUARDA NUMA SOCIEDADE EGÓISTA POR: DANIEL RODRIGUES	PÁG. 39
• BOMBEIROS - UMA EXEMPLAR HUMANIDADE POR: JOÃO SARABANDO	PÁG. 41
• A BATALHA POR: AMADEU DE SOUSA	PÁG. 43
• BOMBEIROS NOVOS - EXEMPLO TÍPICO DE SOLIDARIEDADE PERMANENTE POR: LÚCIO LEMOS	PÁG. 45
• O "BOMBEIRO" DAVID CRISTO POR: DR. VASCO BRANCO	PÁG. 47
• EU QUERIA SER BOMBEIRO... e dos "NOVOS" POR JOSÉ NÁIA	PÁG. 51
• BOMBEIRO VOLUNTÁRIO, ONTEM, HOJE E AMANHÃ POR: ENG.º JOÃO BARROSA	PÁG. 53
• SEMPRE ET UBIQUE... POR: GASPAR ALBINO	PÁG. 55
• ALGUNS REGISTOS FOTOGRÁFICOS PARA A HISTÓRIA DOS BOMBEIROS	
- O NOSSO PATRONO, Pág. 12 - DA MAIORIA DO CORPO ACTIVO - 1983	
- Pág. 16 - DA SECCÃO DE S. JACINTO, Pág. 17 - UMA DAS PRIMEIRAS FOTOGRAFIAS DO NOSSO CORPO ACTIVO, Pág. 26 - AUTO DE ASSEN- TAMENTO, Pág. 32 - 1934, BODAS DE PRATA, Pág. 36 - 1955, CORPO ACTIVO E DIRECÇÃO, Pág. 38 - EXEMPLOS DE DEDICAÇÃO À CAUSA DOS BOMBEIROS NOVOS, Pág. 42 - 1983, ACTUAL DIRECÇÃO DOS BOM- BEIROS NOVOS, Pág. 44	

PALAVRAS DE AGRADECIMENTO

1.ª PALAVRA:

Justificar este boletim comemorativo das Bodas de Diamante, destes setenta e cinco anos de vida dos Bombeiros Novos, Companhia Voluntária de Salvação Pública, é fácil.

Tão fácil como foi obter a colaboração das autoridades, dos jornalistas, dos cronistas e escritores desta terra de Aveiro que, com os seus textos se dignaram encorpar este documento que se quiz marco reprojectado do início da vida dos Bombeiros Novos, novos ainda e agora, para sempre.

Para todos eles o nosso Bem Haja!

2.ª PALAVRA:

Saber agradecer a quem permitiu a construção do novo quartel dos Bombeiros Novos também é fácil. Tão só a difícil facilidade de agradecer aos que também sabem reciprocamente pelo empenho posto na consecução da obra feita que, doutra feita, bem mais difícil o seria.

A consignação do nosso segundo Bem Haja aí fica, entretanto; principalmente dirigido a:

- Direcção-geral do Equipamento Rural e Urbano;
- Câmara Municipal de Aveiro;
- Governo Civil de Aveiro.

3.ª PALAVRA:

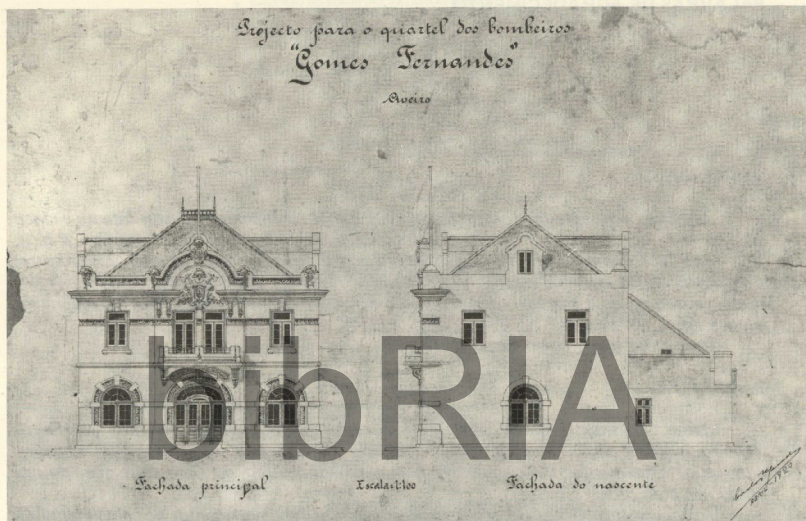
Árduo se torna, isso sim, agradecer a todos que, duma forma mais ou menos anónima, permitiram o carregar de fundos, de boas vontades, de prestímosa colaboração. Assim:

— Como agradecer às Comissões de Angariação de Fundos, que estiveram na base dos nossos cortejos?

- Como agradecer ao bom povo do concelho de Aveiro que nunca nos desamparou?
- Como agradecer aos membros do Corpo Activo da nossa Companhia?!

Não sabemos, a não ser confessando-nos, para sempre devedores, no nosso Bem Haja todos. Sem a colaboração dada, desde o nosso amigo arquitecto Barroca até ao engenheiro Conceição e ao doutor José Girão Pereira, entre tantos outros, o que — o novo Quartel — inauguramos, comemorando os nossos porém 75 anos, não seria possível.

Aveiro, 12 de Maio de 1983
Bombeiros Novos,



O QUE FOMOS

O primoroso desenho, acima tão pobremente reproduzido, mostra as fachadas principal e de nascente do quartel que nos acobertou até há bem pouco tempo.

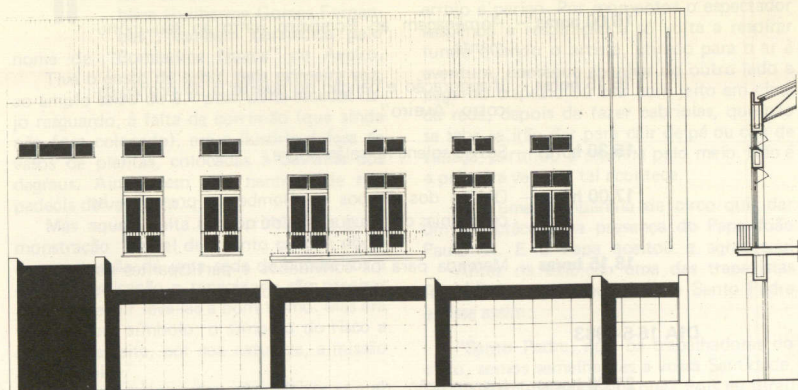
A sua vetustez acabou por conta do impiedoso camartelo para por a nu o chão onde foram abertos os alicerces da casa que ora se inaugura.

Seu autor e projectista da construção: Carlos Mendes, architecto de primeira água, desde sempre ligado ao espírito do Bombeiro Voluntário.

O QUE SOMOS

A casa mais ampla, mais adequada aos tempos que correm tão solicitantes e tão absorventes, aí está, nas suas linhas de força tão sóbrias e tão dignas, adivinhando a funcionalidade interior que, efectivamente, lhe foi garantida por mérito de quem, tão bem, foi capaz de conceber:

Arquitecto Rogério Augusto Barroca, seu autor.





**PROGRAMA COMEMORATIVO
DO
75.º ANIVERSARIO
DOS
BOMBEIROS NOVOS**

**COMPANHIA VOLUNTÁRIA DE SALVAÇÃO PÚBLICA
GUILHERME GOMES FERNANDES**

DIA 14-5-1983

18,00 horas — Reunião de todos os antigos elementos do Corpo Activo e dos ex-dirigentes da Companhia, no novo quartel, seguida de visita às instalações.

19,30 horas — Jantar de confraternização, no restaurante Galo d'Ouro, dos antigos e actuais colaboradores da Companhia.

DIA 15-5-1983

9,00 horas — Arruada pelos Mareantes da Rua do Vento pelas ruas da freguesia da Vera-Cruz.

9,30 horas — Missa solene na Igreja da Vera-Cruz presidida por sua Excelência Reverendíssima, o senhor Bispo de Aveiro.

10,30 horas — Desfile da Fanfara dos Bombeiros Voluntários de Ilhavo pelas ruas da cidade.

12,30 horas — Almoço no Hotel Imperial para os convidados.

15,00 horas — Homenagem ao Bombeiro junto ao seu monumento.

15,15 horas — Inauguração e benção do quartel e do pronto-socorro "Aveiro."

15,30 horas — Sessão solene no salão nobre.

17,00 horas — Desfile dos Corpos de Bombeiros presentes às cerimónias de inauguração do quartel.

18,15 horas — Merenda para os convidados e participantes no desfile, no pavilhão da Feira de Março.

DIA 16-5-1983

21,30 horas — Inauguração da exposição de artes plásticas AVEIRO/ARTE/83, no salão nobre do quartel.

DISCURSO DO BOMBEIRO, PALAVRAS MINHAS...



bibRIA

Tomei parte, como sempre costumava fazer quando se trata de bombeiros, nas comemorações do 74.º aniversário da fundação da "Companhia de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes", também conhecida pelo nome de "Bombeiros Novos" de Aveiro.

Tive o gosto de subir, pela primeira vez, ao amplo salão do 2.º piso, pelas escadas cujo resguardo, à falta de corrimão (que ainda não fora colocado), era a ilusória defesa de vasos de plantas, colocadas à beirinha dos degraus. Ainda bem que nenhum de nós padecia de vertigens...

Mas aquela falta de corrimão era a demonstração visível de quanto custam obras da construção de uma sede de bombeiros e quanta dedicação e tenacidade são precisas para conseguir levá-las a bom termo. Mas era também um símbolo: o símbolo do risco a que está sujeita, por sua natureza, a missão do bombeiro.

A propósito de risco apetece-me contar uma pequena história. Creio que ela terá cabimento aqui.

Era uma companhia de circo, um destes circos ambulantes que correm as cidades e, debaixo de enormes tendas armadas, dão espectáculos que constituem o gáudio da gente

pequena e da grande... E não apenas o gáudio. As vezes dão ocasião também a uns arrepios na assistência, quando o trapezista, como se fosse uma pena ou já não sentisse o peso do corpo, realiza acrobacias do maior arrojo e perigo. Por momentos o espectador suspende a respiração e só volta a respirar fundo quando o artista, atirado para o ar à aventura, consegue apanhar do outro lado a pega do trapézio ou cair com jeito em cima da rede, depois de fazer cabriolas, que não se sabe se irão dar para cair de pé ou cair de cabeça, partindo a espinha pelo meio. Não é a primeira vez que tal acontece.

Pois uma companhia de circo quis dar um espectáculo na presença do Papa João Paulo II. E o Papa aceitou e agradeceu.

Antes da exibição uma das trapezistas fez uma pequena saudação ao Santo Padre e disse assim:

"Santo Padre, nós, os trabalhadores do circo, somos semelhantes a vossa Santidade. Está a perguntar-nos em quê? Pois eu direi: assim como acontece a Vossa Santidade, também nós pomos em risco todos os dias a nossa vida, no cumprimento da nossa missão." A alusão ao risco que corre a vida do Papa nas suas viagens apostólicas era uma alusão discreta mas suficientemente clara.



bibRIA

O Papa não deve ter ficado descontente por se ver comparado a um artista de circo...

Quando li a notícia, logo pensei nos bombeiros.

Um bombeiro poderia repetir palavras semelhantes. Só que o bombeiro não arrisca a vida por desporto ou para gáudio e divertimento do público ou para ganhar uns tostões. Arrisca a vida por motivos mais nobres.

Foi dito na sessão em que eu tomei parte que, quando toca a sirene e o bombeiro acorre ao quartel e veste à pressa a farda e põe o capacete e parte à desgarrada para ir ao encontro do sinistro, não pensa se a pessoa sinistrada é um conhecido ou alguém que nunca viu; se é um amigo ou pessoa que não é das suas simpatias. Naquele momento e no exercício da sua função, para o bombeiro o sinistrado é apenas um irmão carecido de ajuda.

É aqui que está a grandeza moral do bombeiro.

Também ele — mais ainda que o trapezista — teria direito de assim falar ao Papa:

“Santo Padre, eu sou um bombeiro. A minha missão é parecida com a vossa. Vós arriscais a vida (assim vai o mundo e assim é a loucura e a maldade dos homens...) para levar a palavra do Evangelho aos lugares e aos

povos mais distantes. Quando partis para uma viagem de bem-fazer, não há ninguém no mundo (nem talvez o vosso anjo da guarda) que saiba ao certo se conseguireis voltar. Nós, os bombeiros, também somos assim. Acreditaí, Santo Padre, que nos sentimos honrados por tão boa companhia. Se vivésseis em Aveiro, estou certo de que a direcção da minha corporação vos convidaria para fazer parte dela. A vossa missão de autêntica “salvação pública” bem mereceria de uma corporação como a nossa um diploma de, pelo menos, “bombeiro voluntário honorário”.

Acaba aqui o discurso do bombeiro. Agora digo palavras minhas. Estou certo de que a Direcção da corporação dos “Bombeiros Novos” — e o mesmo diria dos “Velhos” — estaria de acordo com a proposta do seu filiado. Uma boa companhia ajuda a fazer um homem bom; e, quando o ideal do companheiro é semelhante, embora mais elevado e transcendente, ajuda também a fazer de um homem bom um bombeiro destemido, capaz de sacrificar a vida pelos outros. “Não há melhor prova de amor do que dar a vida pelo irmão”. Quem terá dito estas palavras?

Felicidades para os “Bombeiros Novos” da cidade de Aveiro!

Manuel, Bispo de Aveiro

TOTAL DISPONIBILIDADE



Companhia Voluntária de Salvação Pública "Guilherme Gomes Fernandes" (Bombeiros Novos), que este ano celebra o seu 75.º aniversário é uma Associação Humanitária de muito honrosas tradições nobremente exercidas e continuadas.

A celebração de um aniversário constitui sempre um evento digno de registo.

Comemorar 75 anos de dedicação ao serviço da humanidade constitui um marco assinalável na vida de qualquer instituição, facto tanto mais de realçar quanto é certo que se trata de uma instituição de decidido empenhamento, de dedicação e amor desinteressado, intervindo sempre que é necessária a ajuda.

Os sacrifícios, dificuldades e perigos, da mais variada ordem, que enfrentam por tão nobre causa, muitas vezes com o risco da própria vida, não obstam a que deixem de cumprir fiel e devotadamente a sua missão.

A história da vida dos Bombeiros Voluntários é constituída por páginas de ouro, cuja leitura estimula o presente e pressagia o futuro.

É na árdua tarefa do passado que se espelha a vitória do futuro numa autêntica missão de serviço.

Setenta e cinco anos de identidade com um ideal digno no decurso duma caminhada longa apoiada nos pilares do sacrifício e de canseiras, sempre exercidas com honra e lealdade.

O trabalho e a dedicação são os temas mais válidos para interpretar a grandeza e a dignidade já atingidas.

Os aveirenses estão presentes por obrigação, mas também por convicção e preocupação de participar na vida dos Bombeiros Novos, pois a lição de unidade, de serviço, de doação e amor já ministrada a isso mesmo obriga.

O Governador Civil de Aveiro, nesta data de aniversário, presta a sua homenagem e vem manifestar em seu nome pessoal e em nome de todos os aveirenses, o apreço e reconhecimento a essa Corporação pela acção desenvolvida, mercê do seu voluntarismo e total disponibilidade no socorrismo para com o próximo, e ainda pela entusiástica caminhada a que se comprometeram em benefício da humanidade.

DOCUMENTOS COMEMORATIVOS DO 75º ANIVERSÁRIO DOS BOMBEIROS NOVOS

AVEIRO



"A quem colaborou para o quartel dos Bombeiros Novos o nosso Bem-Haja". Este o objetivo do simplíssimo galardete que foi desenhado por Gaspar Albino. Tal a forma a que se deu mão não para exteriorizar o agradecimento do que não é possível agradecer o esforço, o espírito de sacrifício, a capacidade de doação de tantos quantos, connosco, quiseram colaborar. E foram felizmente muitos.

Saúl Marques Ferreira foi o feliz autor do cartaz anunciador das Bodas de Diamante da nossa Companhia: 75 anos bem expressivos que praticamente se definem no fundo de chamas resultantes da dedicação que tantos, ao longo de décadas, souberam acalentar.

A dinâmica das formas o calor das cores, aqui empobrecidas (ou talvez não!) pelo preto-branco são o resultado do ilhavo artista Cândido Teles que, propositadamente, elaborou, para o nosso prato comemorativo, quatro maquetas. Esta é uma delas, a que veio a sobrepor-se à porcelana da Fábrica da Quinta Nova. Outra está utilizada nas capas deste boletim e do programa das nossas festas das Bodas de Diamante.

As quatro maquetas, essas, já adornam paredes do novo quartel.



Em fundo de chamas, o rosto sereno do bombeiro alicerçado, ladeado, por setenta e cinco anos de vida da nossa Companhia. Esta é uma das faces da medalha comemorativa das Bodas de Diamante.

A outra, sobre linhas de fuga para horizonte indefinido, regista o novo quartel, a nova viatura AVEIRO, oferta da Câmara Municipal e barco moliceiro que se agasalha nos canais da Beira-Mar.

O "layout" é de Gaspar Albino. Saúl Marques Ferreira interpretou perfeitamente a ideia e produziu a "arte final" com o rigor e competência que lhe são habituais.

Esta é a versão de medalha de peito da medalha Comemorativa. Suspende-se a uma fita alvi-rubra, cores da cidade de Aveiro.



DOCUMENTOS COMEMORATIVOS DO 75º ANIVERSÁRIO DOS BOMBEIROS NOVOS

AVEIRO



"A quem colaborou para o quartel dos Bombeiros Novos o nosso Bem Haia". Este o objetivo do simplicíssimo galhardete que foi desenhado por Gaspar Albino. Tal a forma a que se deu-tou mão não para exteriorizar o agradecimento do que não é possível agradecer: o esforço, o espírito de sacrifício, a capacidade de doação de tantos quantos, connosco, quiseram colaborar. E foram felizmente muitos.

Saúl Marques Ferreira foi o feliz autor do cartaz anunciador das Bodas de Diamante da nossa Companhia: 75 anos bem expressivos que praticamente se definem no fundo de chamas resultantes da dedicação que tantos, ao longo de décadas, souberam acalentar.

A dinâmica das formas o calor das cores, aqui empobrecidas (ou talvez não!) pelo preto-branco são o resultado do ilhavo artista Cândido Teles que, propositadamente, elaborou, para o nosso prato comemorativo, quatro maquetas. Esta é uma delas, a que veio a sobrepor-se à porcelana da Fábrica da Quinta Nova. Outra está utilizada nas capas deste boletim e do programa das nossas festas das Bodas de Diamante.

As quatro maquetas, essas, já adornam paredes do novo quartel.



Em fundo de chamas, o rosto sereno do bombeiro alçado, ladeado, por setenta e cinco anos de vida da nossa Companhia. Esta é uma das faces da medalha comemorativa das Bodas de Diamante.

A outra, sobre linhas de fuga para horizonte indefinido, regista o novo quartel, a nova viatura AVEIRO, oferta da Câmara Municipal e barco moliceiro que se agasalha nos canais da Beira-Mar.

O "layout" é de Gaspar Albino. Saúl Marques Ferreira interpretou perfeitamente a ideia e produziu a "arte final" com o rigor e competência que lhe são habituais.

Esta é a versão de medalha de peito da medalha Comemorativa. Suspende-a uma fita alvi-negra, cores da cidade de Aveiro.



GUILHERME GOMES FERNANDES



O NOSSO PATRONO



QUE OS "NOVOS" ENVELHEÇAM
SEMPRE NOVOS!

A CÂMARA RECONHECIDA



bibRIA

Q

uando um homem se eleva, toda a humanidade se eleva com ele".

É com esta expressiva e velha máxima que quero iniciar algumas poucas palavras para este boletim comemorativo dos 75

anos dos Bombeiros Novos.

Faço-o, em primeiro lugar, com a alegria do homem-cidadão que tem a oportunidade de vir realçar o exemplo de outros homens que à grande e nobre causa de servir o seu semelhante são capazes de dedicar uma grande parte da sua vida.

Por outro lado, também no cumprimento de um dever.

Como presidente da Câmara, representando a comunidade aveirense, aqui devo publicamente expressar o sentido e profundo reconhecimento pelo seu esforço, pelo

seu empenhamento e pelo seu generoso exemplo de entrega. Neste agradecimento não devo deixar de incluir todos aqueles que, não pertencendo já ao número dos vivos, lutaram e deram continuidade ao nobre ideal do Bombeiro.

Aveiro muito vos deve. Por isso, num gesto simples, a Câmara decidiu atribuir-vos a medalha de ouro da cidade, o máximo galardão para quem devotadamente serve a comunidade aveirense.

Ao fazê-lo cumpre um dever.

E manifesta uma esperança:

Que os Bombeiros Novos mantenham a mesma fé e o mesmo ideal de sempre.

Dr. José Girão Pereira,
Presidente da Câmara

Quando, com insistência amiga, se pede umas palavras para a publicação do 75.º aniversário dos "Bombeiros Novos", honrados, só teríamos com simplicidade que caracterizar esta grande Família dos Bombeiros de dizer — Presente!

Para os "Novos", companheiros e irmãos, o nosso abraço amigo, o desejo de umas magníficas "Bodas de Diamante", o desejo das maiores venturas, o desejo da continuação de um exemplar serviço, o desejo, ainda, de felicidades para todos Vós, e para todos os Vossos.

Juntos, procurando uma superação no serviço à Comunidade, têm os Bombeiros de Aveiro, Velhos e Novos, dado exemplo de salutar vivência, escrevendo com humildade e com serviço uma página de extraordinária beleza na História de Aveiro.

Um forte abraço, a nossa saudação amiga.

Ulisses Rodrigues Pereira

Presidente da Direcção dos Bombeiros Velhos



Naquela Noite?!
Já tudo dormia,
Em sossego,
Em paz...
De súbito!...
Sons, estridentes
Ecoam pelos ares.
Acordam,
Sobressaltados, os nossos lares.
Correm Bombeiros,
Lestos.
Quais pombas,
Direitos às bombas...
Homens honestos,
Que deixam para trás,
Pais, filhos,
Entes queridos...
Quantas vezes,
Para salvar inimigos.
E sem modos,
No olhar a quem,
Nessa Quadra sem igual,
Dão-se a todos,
e a ninguém,
os Bombeiros,
Bombeiros de Portugal.

José de Carvalho
Ajudante de
Comando dos
Bombeiros Novos
AVEIRO

QUE OS "NOVOS" ENVELHEÇAM SEMPRE NOVOS!

E

m pergaminho firmado há mais de seis décadas (rigorosamente, em 12 de Setembro de 1920), refere-se, além do mais, que "foi solenemente assente o pau de fileira no novo edifício que a Exm.^a Câmara Municipal está fazendo construir no Largo Maia Magalhães, desta cidade, e destinado ao Quartel desta Companhia. E para que fique gravado em letras de ouro este acto soleníssimo e o preto devido à Exm.^a Vereação, se lavrou o presente auto". Seguem-se numerosas assinaturas de representantes municipais, da imprensa local, dos comandantes militar da cidade e das companhias voluntárias de Viseu, de Aveiro e de diversas autoridades. Foi desde essa data que a instituição em causa — a **Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes**, transpôs as suas instalações do extremo da freguesia da Glória, confinante com o Canal Central da Ria, para a freguesia da Vera Cruz — assim se distanciando da sede dos "Bombeiros Velhos" (a conceituada e hoje ultra-centenária **Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro**). Não foi um virar-de-costas (pois muito se devia — e deve — ao salutaríssimo exemplo dos "Velhos"): apenas se operou uma mudança do provisório para o definitivo, em lugar donde mais rapidamente pudessem, então, ser assistidas as gentes da Beira-Mar.

Hoje, no mesmo local, os "Bombeiros Novos" têm um novo quartel — neste ano em que celebram as suas "Bodas de Diamante", esta uma clássica e feliz expressão que significa **festa e brilho** culminantes dos 75 anos de vivência — o que, feitas as contas, significa muito para cima de meio milhão de horas de permanente vigília, numa expontânea dádiva de homens (de múltiplas gerações) ao irmão-homem. Matemática simples, em elevadíssima cifra, mas nela cabe um mundo de reflexões que nem podem liquidar-se num mundo de pa-



lavras — de resto, e no caso, as palavras não passariam de roupagem de burel sobre um **corpo** digno de um manto de ouro cravejado de diamantes. Aliás, o modesto signatário destas linhas — bombeiro, desde há algumas décadas, mas bombeiro **sem farda** — cada vez menos sabe falar de **Bombeiros**: a devotação dos que, ao grito da sereia (que é a chamada sonora de um qualquer humano drama ou de uma qualquer humana tragédia), não encontra palavras que traduzam, neste mundo de egoísmo, a abnegação dos que estão sempre prontos a acudir ao **irmão-homem**, numa fraternidade que não distingue o ser conhecido do ser desconhecido, nem sequer o amigo do inimigo.

Nun quadro, que esteve patente no velho quartel, lia-se esta eloquentíssima sextilha:

"Vida por vida é divisa
Que por bem o mal suavisa
E sobe em graças aos Céus.
Diz Amor e Caridade;
Valor; Honra e Humanidade;
Foi inspirada por Deus".

Para crentes, mesmo para descrentes, infere-se destes versos que algo de transcendente existe naqueles que consideram o seu semelhante num âmbito fraterno e desinteressado — arriscando a própria vida pela vida alheia, sem sequer pensarem, **pelos riscos que correm**, que podem deixar em **risco** o seu próprio lar.

E — tudo já dito aqui, sem nada dizer — apenas um voto: que os "Bombeiros Novos" envelheçam por séculos, na continuidade do exemplo de altruísmo que têm dado, sempre brilhando como o **diamante**, em festivas e futuras **bodas**.

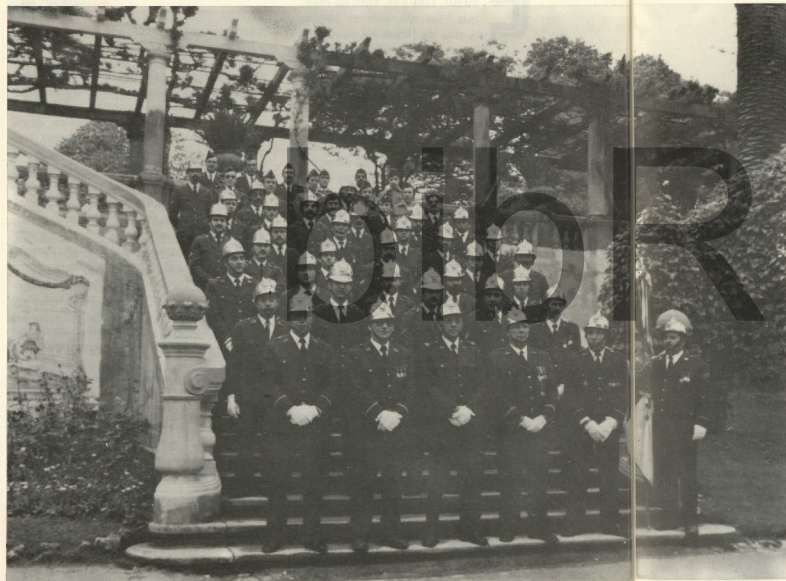
David Cristo

1908 • AVIRO • 1983

COMPANHIA VOLUNTÁRIA DE SALVAÇÃO PÚBLICA

GUILHERME GOMES FERNANDES

BOMBEIROS NOVOS



SECÇÃO DE SÃO JACINTO

Recentemente foi criada a Secção dos Bombeiros Novos da freguesia de São Jacinto com a inauguração de uma ambulância.

Foi o princípio da satisfação duma necessidade prementemente sentida pela população daquela zona do Concelho de Aveiro, quase sofrendo do trauma de insularidade.

CORPO ACTIVO ACTUAL

Na fotografia :

Américo Rigueira — Alfredo Cirne — Joaquim Aniceto — Rui Rosa — António Oscar — Francisco Pinho — João Maia — José Maia — José Matos Ferreira — Raúl Lemos — Armando Pinho — Ismael Padre — José Romão — Joaquim Carlos — José Manuel — Fernando Vinagre — Matos Ferreira — António Alfredo — João Ferreira — Eduardo Silva — José Santos — António Encarnação — Severino Paiva — José Reis — Ernesto Bastos — António Pombo — Sérgio Reis — José Domingos — João Romão — Joaquim Azevedo — Manuel Pitarmá — Sérgio Reis — Henrique Lopes — Carlos Henriques — Joaquim Jacinto — Manuel Laranjeira — Váler Jacinto — Estevo Pinho — Arduim Santos — José Lobo — Raúl Gonçalves — Manuel Pinto — Luís Padre — Manuel Pinho — José Carvalho — Com. Barrosa — Com. Rigueira — Pedro Carlos — Sadi Castro

Restantes membros

Manuel Oliveira Gomes — João Carlos — Vitor Rigueira — Fernando Jacinto — Bruno Ferreira — António Marques — Luís Vieira — António Cruz — Paulo Carvalho — Pedro Carvalho

Serviço Auxiliar:

Carlos Melo — Carlos Barroca — Mário Faria —



1908 • AVIRO • 1983

COMPANHIA VOLUNTÁRIA DE SALVAÇÃO PÚBLICA
GUILHERME GÓES FERNANDES

BOMBEIROS NOVOS



SECÇÃO DE SÃO JACINTO

Recentemente foi criada a Secção dos Bombeiros Novos da freguesia de São Jacinto com a inauguração de uma ambulância.

Foi o princípio da satisfação duma necessidade prementemente sentida pela população daquela zona do Concelho de Aveiro, quase sofrendo do trauma de insularidade.

CORPO ACTIVO ACTUAL

Na fotografia :

Américo Rigueira — Alfredo Cirne — Joaquim Aniceto — Rui Rosa — António Oscar — Francisco Pinho — João Naia — José Maia — José Matos Ferreira — Raúl Lemos — Armando Pinho — Ismael Padre — João Romão — Joaquim Carlos — José Manuel — Fernando Vinagre — Matos Ferreira — António Alfredo — João Ferreira — Eduardo Silva — José Santos — António Encarnação — Severino Paiva — José Reis — Ernesto Bastos — António Pombo — Sérgio Reis — José Domingos — João Romão — Joaquim Azevedo — Manuel Pitarmá — Sérgio Reis — Henrique Lopes — Carlos Henriques — Joaquim Jacinto — Manuel Laranjeira — Váler Jacinto — Estevão Pinho — Arduim Santos — José Lobo — Raúl Gonçalves — Manuel Pinto — Luís Padre — Manuel Pinho — José Carvalho — Com. Barrosa — Com. Rigueira — Pedro Carlos — Sadi Castro

Restantes membros

Manuel Oliveira Gomes — João Carlos — Vítor Rigueira — Fernando Jacinto — Bruno Ferreira — António Marques — Luís Vieira — António Cruz — Paulo Carvalho — Pedro Carvalho

Serviço Auxiliar:

Carlos Melo — Carlos Barroca — Mário Faria —



Estatutos

CAPÍTULO I

Organização e fins da Companhia

Artigo 1.º—Sob a denominação de *Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes*, é fundada em Aveiro uma Associação que tem por fim humanitário prestar os precisos socorros em todos os desastres de terra, ria e mar, quer acudindo a qualquer incêndio, explosão, inundação, desastre, etc., na cidade, freguesias do concelho e costas do litoral deste distrito de Aveiro, quer socorrendo as vítimas dos incêndios e calamidades públicas, até quanto em suas forças possa caber; e rege-se-ha pelos presentes Estatutos.

§ único—Para a consecução dos seus fins, a Associação não dispensará os auxílios respectivos da Câmara Municipal, Governo Civil, Caixa de Socorros a Naufragos, Companhias de Seguros e mais entidades públicas ou particulares, interessadas nos seus serviços, que poderá deixar de prestar quando, por falta daqueles auxílios, não se julgar altura de desempenhá-los cabalmente.

1983

AS LEIS QUE NOS REGERÃO

AS LEIS POR QUE NOS REGEMOS

1908

COMPANHIA

---ASSOCIAÇÃO---

No dia dez de Janeiro de mil novecentos e oitenta e três na Vila e Cartório Notarial de Vagos, perante mim, Licenciado António Joaquim Marques Tavares e Notário do Cartório, compareceram como interagentes:

---PRIMEIRO: David da Silva Criseto, solteiro, maior, natural da freguesia da Glória, concelho de Aveiro, residente habitualmente na Rua de Santa Joana, número dezasseis, na cidade de Aveiro;

---SEGUNDO: João de Oliveira Barreiros, casado, natural da freguesia de Santa Ildefonso, concelho de Porto, reside habitualmente na Avenida Doutor Laurence Feixinho, número cento e cinquenta e um-terceira, na cidade de Aveiro;

---TERCEIRO: Joaquim António Gaspar de Almeida, casado, natural da freguesia da Glória, concelho de Aveiro, residente habitualmente na Rua Sebastião de Magalhães Lima, número vinte e sete, na cidade de Aveiro;

---QUARTO: José César dos Reis Rodrigues, casado, natural da freguesia da Glória, concelho de Aveiro, residente habitualmente na Rua de Carril, número noventa e quatro, na cidade de Aveiro;

---QUINTO: João Laurente dos Reis Rodrigues, casado, natural da freguesia de Vera Cruz, concelho de Aveiro, com residência habitual na Rua Doutor Almeida Machado,

REBUSCANDO NOTÍCIAS DUM PASSADO JÁ DISTANTE



A primeira companhia de Bombeiros que houve em Aveiro, nasceu em Janeiro de 1882, aquando do terrível incêndio que devorou o Convento de Nossa Senhora da Madre de Deus de Sá. Esta Companhia, acabada de organizar-se, defrontou-se heroicamente no pavoroso incêndio que foi o seu “Baptismo de Fogo”, na noite de 16 de Novembro desse ano, na Casa de José Maria de Carvalho Branco, à Rua da Vera Cruz, hoje Rua Manuel Firmino. Em 16 de Novembro de 1884, portou-se com denodo no combate ao incêndio na casa de José António Resende, na Rua da Costeira, hoje Rua Coimbra, e que servia de Paços do Concelho. Obrou prodígio de valor no incêndio de 5 de Maio de 1887 no “Hotel Line” à Rua da Alfândega, hoje Rua Clube dos Galitos e foi heroica no dia 24 de Agosto de 1899 no prédio onde hoje se encontra instalada a “Cooperativa Agrícola de Aveiro e Ílhavo” na Rua José Estêvão. Contudo, do brilhantismo invulgar, passa à decadência originada pela discórdia entre os seus membros, de que resultou o pedido de demissão do primeiro e segundo Comandantes e respectivos membros directivos, em virtude de graves dissidências ocorridas entre os Corpos Gerentes e as praças, por motivos de infrações disciplinares de maior importância em 23 de Maio de 1907.

A propósito, em 5 de Novembro de 1908, o jornal “Campeão das Províncias” inseria a seguinte local:

“Ontem e por virtude da queda de um foguete na cocheira de Manuel da Cruz mais conhecido por Manuel da Venda, no Rocio, pegou-se-lhe o fogo, ardendo completamente apesar dos esforços dos populares que acudiram”.

E se é certo que foi este incêndio que deu origem à criação dos Bombeiros Novos, não menos certo é que já desde 20 de Março de 1908 se tratava afanosamente na sua fundação. A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários desta cidade estava dissolvida, como vimos, desde 23 de Março de 1907, e só mais tarde se reorganizou.

E, assim, um Grupo de Homens de Boa Vontade, a que se juntaram alguns dissidentes da outra associação, reuniu-se em 28 de Novembro de 1908 na sede da extinta “Associação dos Bateleiros,” hoje edifício dos Laboratórios Nostrum, próximo da capela de São Gonçalinho, e deliberou a Fundação da Companhia.

Desta reunião saiu a Comissão Instaladora composta por João Maria de Naia Graça, Presidente — José Augusto, secretário — João do Amaral Fartura, tesoureiro — Luís Soares, Luís Benjamim, João da Silva Júnior, José de Oliveira Barbosa, Jorge Pereira da Silva, vogais, que a 30 desse mesmo mês de Novembro, cerca das 21 horas, e num armazém de pescado, sito no Cais das Falcoeiras, que era pertença do vogal Luís Soares, à luz de uma vela e sobre um cabaz de peixe, se lavrou a acta da criação, fundação e instalação da Com-



SAINTON OMACBEM
STHATISU AL OCBASB MUI

AS LEIS POR QUE NOS REGENOS

panhia, escolhendo para patrono o denodado mestre de Bombeiros, Guilherme Gomes Fernandes. Daqui saiu a comissão organizadora e administrativa, composta por Jorge Pereira da Silva, José Augusto, João do Amaral Fartura, Roque Ferreira Júnior, José Maria de Carvalho Júnior, Manuel Nogueira, João Silva, José de Oliveira Barbosa, João Maria de Naia Graça, Carlos Augusto José Mendes, Luís Soares, Luís Benjamim.

E, assim, neste dia 30-11-1908, ficou constituído o seu 1.º quadro activo e seus fundadores Luís Benjamim Nunes de Maia, João da Silva Júnior, Jerónimo Martins Raposo, Jorge Pereira da Silva, António Rodrigues Mieiro, Abel Ferreira, João dos Santos Moreira, Manuel Augusto Migueis Picado, Alfredo de Sousa Maia, José de Oliveira Barbosa, Joaquim Soares, João do Amaral Fartura, João Augusto Henriques, José Maria de Carvalho Júnior, António da Maia, João Martins Raposo, Manuel da Silva Palavra, João da Silva Araújo, Manuel dos Reis, Máximo de Oliveira, Francisco Nunes da Maia, José Augusto, José Augusto Migueis Picado, João Maria da Naia Graça, Luís Soares, Joaquim Soares, Adriano Rocha, Carlos Picado, João Nunes de Oliveira, Domingos João dos Reis Júnior, Francisco de Matos Júnior.

A Companhia teve a sua primeira sede em Fevereiro de 1909 na Rua da Corredoura, hoje Rua do Batalhão de Caçadores 10, numa casa de António Fer-

reira Félix, que para tal a cedeu por 18.000 reis anuais pago em duodécimos. Ali fizeram os carpinteiros-bombeiros, e em tempos livres, cinco lanços de escadas e uma carreta com todos os apetrechos.

A segunda sede foi instalada, em 15 de Abril de 1912, na Praça Luís Cipriano, hoje Praça Humberto Delgado.

Em 1913 comprou-se a primeira bomba braçal e, em 24 de Junho de 1915, chegou a segunda bomba e deu-se até o caso curioso de ter de abrir-se uma estação na Rua do Sol, hoje Rua Sargento Clemente de Moraes, num armazém cedido por José Gamela, porque o Quartel era demasiado pequeno.

O terceiro quartel-sede foi construído no Largo Maia Magalhães e teve o seu início em 1920 ficando concluído em 1922. Tinha de frente 14 metros e 12 de fundo e uma cerca com 1000 metros quadrados.

A planta do quartel foi feita pelo 1.º comandante efectivo que teve, Carlos Augusto José Mendes, e é neste local que, depois de demolido, se ergueu de novo o actual quartel. A primeira saída, foi (o seu "Baptismo de Fogo") para a Rua dos Tavares, em 13 de Janeiro de 1909, na Pensão da Ti Feliciano. Fogo na chaminé, "falta de limpeza", e esteve presente um carro manual com escadas. Prejuízos 6.000 reis. Em 2de Fevereiro de 1914, saída para a Rua de Jesus, às 17 horas, numa casa defronte do antigo Convento de Jesus e habitada pelo sacristão do Convento, que era pertença da Câmara Municipal. Fogo

MEMÓRIAS DE HOMENAGEM AOS "BULHÊRNES"

no junco que cobria o pavimento, provocado por qualquer brasa caída para o chão, causando prejuízos sem importância. Foi a primeira saída da primeira bomba braçal.

Em 13 de Outubro de 1915: fogo num prédio, com loja, na Praça de Lhavo, propriedade de Ana Vareira. O material e bombas foi transportado num "Charaban".

Em 8 de Agosto de 1926: fogo na estação da C.P., na Pampilhosa. Arderam um armazém e 29 carruagens; a ida e regresso dos Bombeiros foi de comboio.

É de recordar que neste tempo ainda não possuíam viaturas motorizadas.

Em 1926 comprou-se um "ebaxis" que depois se adaptou a Pronto-Socorro, a que foi dado o nome de Papo-Sêco. As rodas deste carro eram de raios.

Em 1927 comprou-se um "ebaxis" Ford que depois se carroçou em Pronto-Socorro. As rodas deste carro eram de raios. Em 1930 comprou-se o "ebaxis" Stutz, sendo nele montado o Pronto-Socorro "Aveiro". Em 1940 comprou-se um "ebaxis" a que, depois de carroçado, se deu o nome de benemérito Dr. Nascimento Leitão e era equipado com moto-bomba D.K.V., sua oferta.

Em 1942 carroça-se o Pronto-Socorro "Vouga".

Em 1927 comprou-se a primeira moto-bomba de marca Norton que custou 13.740\$00, e foi inaugurada em 30 de Novembro desse ano, criando-se também o quadro de motorista. Em 1930, por iniciativa de Humberto Trindade e José Teles

de Meneses, elementos directivos, realizou-se, em 31 de Agosto, pelas 15 horas o primeiro Circuito do Centro de Portugal de motocicleta, patrocinado pelo Moto Clube de Portugal, num percurso de 200 Kms, em 40 voltas no triângulo das estradas Barra à Costa Nova, Forte e Barra, e cujo produto líquido reverteu a favor desta companhia. Para este circuito inscreveram-se: Manuel Machado, Augusto Rei (americano), Ângelo Ferreira Bastos, Mário Teixeira, "campeão de Portugal neste ano", Manuel Rodrigues da Silva, José de Figueiredo, Henrique Emiliano e Fernando de Sousa; Compunham-se os prémios de uma Taça, medalhas de ouro, e objectos de arte.

Em 1931, 30 de Agosto, realizou-se o II Circuito do Centro de Portugal.

Em 28 de Agosto de 1932 e, no mesmo mês do ano seguinte, realizaram-se os III e IV circuitos.

Em 1933, para comemorar os 25 anos de actividade, construiu-se um prédio na Rua do Seixal, hoje Rua Voluntários Guilherme Gomes Fernandes. José de Pinho elaborou o projecto. A primeira pedra foi lançada, solenemente, pelas 17 horas de 1 de Maio pelo então governador civil major Mário Gaspar Ferreira. Pela lotaria de St. António em 16 de Junho de 1934, foi a cautela sorteada ao contemplado n.º 5185 que era pertença do zelador municipal Francisco do Nascimento Correia.

Em 23 e 25 de Fevereiro de 1936 realizou a companhia um curso carnavalesco e Batalha de Flores no canal central e nas

marginais. Comprou-se um "ebaxis" marca Stude Bakes por 30.000\$00 que, depois de carroçado em Pronto-Socorro pelos irmãos Costa desta cidade, foi inaugurado em Agosto de 1936, a que se deu o nome de "Vera Cruz". Foi um dos Pronto-Socorros mais bonitos e operacionais do seu tempo. Em Março de 1953 adquiriu-se uma escada Magirus Rebocável, e um jeep Willys. Em 30-11-1955 inaugurou-se o Pronto-Socorro São Gonçalinho e em 1958 inaugurou-se o primeiro Pronto-Socorro de Nevoeiro. Em 1962 inaugurou-se um Land Rover e em 1963 adquiriu-se a primeira ambulância que a companhia teve. Em 1971 inaugurou-se o segundo Pronto-Socorro de nevoeiro e dois barcos de Socorros a Náufagos. Em 1973 criou-se o corpo de Mergulhadores e adquiriu-se um Volkswagen que se adaptou a carro-cozinha. Somos equipados pelo I.S.A. com uma viatura Land-Rover e seu atrelado, portacabos, duas lanchas em fibra e respectivos motores, para a prevenção nas praias interiores, durante os meses de Verão.

Em 30-11-77 inaugurou-se um Pronto-Socorro médio de intervenção imediata e uma ambulância.

Cria-se depois a Secção de S. Jacinto, que ficou equipada com uma ambulância. Equipámos, também, no decorrer destes últimos anos o quartel com 4 ambulâncias, um auto-tanque, um tractor Valuret, um Jeep 1.200 polivalente, várias moto-bombas e diverso material, etc etc.: e, por último, num Pronto-Socorro moderníssimo, a última palavra da marca Magirus, de fabrico alemão.

REGISTO DE COMANDOS

1.ºs COMANDANTES

- 1.º — Carlos Augusto José Mendes — desde 1 Dezembro de 1909 a Outubro de 1913;
- 2.º — Fortunato Mateus de Lima — desde 5 de Outubro de 1913 a 24 de Janeiro de 1916;
- 3.º — José Maria Pereira — desde Fevereiro de 1916 a 5 de Agosto de 1917;
- 4.º — Capitão António Pereira de Brandão — desde 29 de Dezembro 1918 a 1926;
- 5.º — Alberto Reis — desde 26 de Dezembro de 1926 a?;
- 6.º — Capitão Serra?;
- 7.º — Tenente Artur Ferreira — 254.-1936 a 5-2-1937;
- 8.º — Tenente Augusto Natinior e Silva — desde 3 de Agosto 1938 a 1-4-73;
- 9.º — Eng. João de Oliveira Barros — desde 6-4-73 a?

2.ºs COMANDANTES

- 1.º — Luiz Nunes de Maia;
- 2.º — José Maria de Carvalho;
- 3.º — João de Amaral Fortuna — desde 1918 a 20 de Dezembro 1927;
- 4.º — Antero Pereira — 16 de Janeiro a 21 de Fevereiro 1928;
- 5.º — Belmiro de A. Fartura — 28 de Dezembro 1928 a 4 de Abril de 1960;
- 6.º — Manuel Rigueira desde 30-11-77 a

AJUDANTES

- 1.º — Manuel Rigueira desde 26 de Novembro 1961 a 30-11-77;
- 2.º — José Matos de Carvalho desde 27-1-78.

Manuel dos Santos Rigueira,

MEMÓRIAS DE HOMENAGEM AOS "GUILHERMES"



Mas minhas, ao mesmo tempo mais remotas e mais nítidas reminiscências infantis, há um largo lugar, com uma imagem vincadíssima, quase fotográfica na exactidão e pormenor, do primitivo (mo-destíssimo, como se calculará, de requisitos de toda a ordem, nesses velhos tempos ainda sem grandes exigências funcionais, que nem a dimensão da pequena urbe requeria para a sua singela arquitectura) quartel-sede dos "guilhermes".

O nome glorioso do patrono, tornara-se, então, enternecida e vinculatoriamente familiar no nosso léxico cagaréu de petimetres em crescimento, traquina e radicante, daquela zona céntrica de em torno dos Arcos. E não nos estavam apenas no linguajar de averisimo mais ou menos castiço, de averisimo incipiente. Trazíamos-os no coração e tomávamo-los como o nosso paradigma vivo desbordante de bem-querer (quicá de bem-fazer) ao nosso semelhante.

Estou a rememorar, comovido, a minha saudosíssima Mãe, um dia, quando eu vinha da escola, cá fora da porta da inesquecível botica, a pedir-lhes ánsiosos socorros, em esganicados brados para acorrerem a apagar umas primeiras chamas que se haviam ateado numa qualquer obra em curso no primeiro andar da nossa casa. E eles extinguiram, sem grande esforço, esse princípio de incêndio. Morávamos, na altura no alto prédio de três andares e um sótão habitável — da já Praça do Comércio, e hoje do Dr. Joaquim de Melo Freitas, e que ocupava quase metade da que é hoje a sede do Clube dos Galitos. O prédio era da família há várias gerações, ali mesmo, no centro

citadino, na praça onde o Conselheiro Joaquim José de Queirós, e demais sequezes das ideias emancipadoras, soltaram, em 16 de Maio de 1828, o primeiro brado contra o miguéllismo reinante.

Estou a vê-la, a chamar ansiosa, voltada para o quartel dos "guilhermes", para o outro lado da ria, para o prédio que tinha, por cima, com porta para o lado do Largo da Cadeia, a Conservatória do Registo Predial. Voltada para aquela casa que se erguia, no extremo da na época Praça do Dr. Luís Cipriano e à entrada da desaparecida Rua dos Tavares, que acabaria ocupada pelos sanitários públicos da zona céntrica.

Nesse longínquo período da minha já estiradota vida, havia, cá por Aveiro, e na minha roda, em matéria de bombeiros, "os guilhermes" e os outros. Que eram tão presentes como eles, e até mais antigos. Mas ficavam fora do nosso alcance imediato, escondidos na que se chamou Rua de Santa Catarina e hoje é denominada da Revolução — estreita e mais ou menos escondida. Sediavam-se, num piso apenas, pegados ao Teatro Aveirense, como que uma excrescência deste. E eram os "outros" não obstante o meu cunhado Francisco Ferreira da Encarnação ser o comandante, por essas alturas, e dispoem, eles só, de uma altíssima escada "Magirus", que me deslumbrava, e era muitas vezes múltipla da minha reduzida estatura de criança traquina, que encetava esta longa e fastienta caminhada pelo mundo.

"Novos" não é, pois, a denominação que eu, no íntimo mais profundo, adopto e sigo. Não, não eram os "novos", mas — como mais tarde se apelidava a banda que

mantiveram e era competentemente regida por António dos Santos Lé —, mas, repita-se, os “guilhermes”. Era com esse chamadouro que nos meus tempos de petiz os designávamos. E é esse que me ficou nos hábitos e me está mais na ponta da língua. Só que eu envelheço de cada vez que nasce o Sol, ininterrupta, inexoravelmente, com declínio cada vez mais acentuado de capacidades e sem qualquer esperança de efectivo remoçamento. E as corporações de bombeiros se persistem, vivem espiritual, e objectiva, e organicamente, em perpétua primavera, em ininterrupto desabrocho, vicejante e revivescente.

Só não são os “novos”, porque, logo que comecei a vir para um círculo mais dilatado que aquele que tinha como raio a minha própria sombra — digo-o por consciência imperativa de consciência — porque, repito, logo me serviram de modelo para os infantis e inoperantes anelos das minhas fragilíssimas construções de ocupação dos tempos sobejantes.

Não eram os “novos”, nem podiam ser. Eram os meus, os maiores, não sei mesmo se os únicos. Era mais velho (muito mais que eu, como é evidente) o comandante, baixote, mas para mim, como que um marechal, o sucessor do que primeiro comandou o corpo activo dos “guilhermes” — o aveirense, de grandes qualidades artísticas, Carlos Mendes, que viria a ser o festejado autor de um desafogado projecto para a transformação do antigo “recolhimento das beatas”, e depois transmutado em Sé, num Hotel Cidade de Aveiro”, que nunca chegou a concretizar-se, e de que foi seguido para o futuro quartel-sede da corporação, volta-do ao largo da Vera-Cruz, com obras de

1920 a 1922, e que já então ostentava a denominação toponímica que ainda mantém — Largo de Maia Magalhães — e próximo da Igreja paroquial, nunca reconstruída. E, quando festivamente ali se instalaram já eu, com as pernas ao léu — deixadas, assim, pelos calções que enverguei até já ser espigadote — frequentava, ladino e vivaz, o liceu, erguido por influência e esforços do nosso patrono cívico, desde há mais de um século.

Era menos velho, e muito mais alto e escanifrado que o comandante, o Senhor Fortunato. Fortunato Mateus de Lima — se a memória, que monismáticamente me vai falhando, não me trai na circunstância — que era pai de dois amigos, o Jaime e o Domingos, e tinha, assim, o nome completo.

Os “guilhermes”, na sua benemérita lista de espontâneos servidores da comunidade, incluíam, nesses tempos heroicos, um farmacêutico. E esse diplomado nas artes galénicas era o meu tio por afinidade Domingos João dos Reis Júnior, cuja farmácia, às Cinco Ruas, era um polo de atracção e um centro de reunião de vermelhuscos republicanos.

E eu, que nunca cheguei a ser bombeiro a sério, e apenas os macaqueara em pequeno inspirei-me, nesses já recuados tempos, em que vi ocupar o prédio onde fôra a sede dos benfazejos “guilhermes” pelos sanitários públicos do centro citadino. Mal encobertos por uma palmeira. E para vantajosamente substituir um urinol situado entre os quiosques da “Pifania” e da Maria Augusta Tenaz, que ficavam quase encostados ao cais, entre as duas velhas pontes.

Mas, não obstante ter ficado aos “gui-

hermes" inextricavelmente ligado, ao mesmo tempo que crescia, Aveiro ia sendo vista globalmente, sem espírito de parcialidade esterilizadora, com mais rasgado raio de apreciação e valoração. Havia os "guilhermes" e os outros — que estavam subtraídos às minhas vistas ávidas, mais imediatas e radicadoras. E essa circunstância prevaleceria, apesar dos sobrevindos sentimentos globalizadores, de aveirismo, sem divisionismos nem consequentes diminuições. E passei a ser, natural e logicamente dos dois.

Vejo, todavia, os "guilhermes", na minha dissaborida, ainda que sentidíssima evocação, nestas comemorações das "bodas de diamante" — a que do mais íntimo do coração penhoradíssimo e muito enraizado nos meus sedimentos mnésicos, neste benévolo ensejo me associo calorosamente — a montar e a subir escadas que eles mesmo cresciam até grandes alturas, que me pareciam capazes de alcançar o céu, e a bem-aventurança, por ali arriba, da fachada desse edifício desaparecido, ágeis e disciplinados, metas e modelos dos meus anelos pueris, desmedidos mas platonicamente inatingíveis.

Estou a rever, reluzentes e a cintilar, no seu amarelo que me parecia de ouro — e valia mais, no seu simbolismo, do que este metal precioso — os capacetes, e as suas apuradas fardas, a de serviço e a de gala, que tão vincadamente os diferenciavam dos da corporação mais antiga — como tantas coisas na cidade que tinha duas freguesias, e tantas dualidades, e era pátria de tantos retilhos e insubmissos. Radiavam, em comparação vantajosíssima com o meu rudimentar capacete de papelão recoberto de papel de seda berrante de cor. Que eu, valha a verdade, e suponho que já então tinha disso a consciência no meu bombeirismo de redu-

zida expressão, não passava de um arremedo insignificante, mas muito mimoso e de grande disponibilidade sem reserva, da companhia prestantíssima que me suscitava e eu procurava reproduzir, paradigmaticamente.

E nem só no capacete, mas nas capacidades de dádiva idealista a tudo sobreposta, mas num capacete inoperante e tosco de madeira mal afeicada e no cinturão que me cingia a barriga pouco protuberante, e me abanava a alma dadivosa e ingénua, cheia de bons propósitos altíssimos e magníficos para os meus diminutos predicados de infante pouco dotado.

Lembro-os, como se fosse hoje, e agora, nesta altura em que tão significativamente comemoram os setenta e cinco anos de ofrenda ao socorro filantrópico, nos sacrifícios, que eu não era capaz de reproduzir com a fidelidade a que aspirava na minha veneta de mundo traquina e macaqueador. E nas paradas e cortejos, de farda de gala, escura e impecável de alinhio, conscientes das suas beneméritas potencialidades prestimosíssimas. E esticava-me, por fora e por dentro, anelava, pelo dia — que nunca mais chegou — de marchar, como eles, ao som estridente e ritmado, de uma corneta. E se não, ao lado deles mesmo. Colocava-os nos páramos mais altos, como meta, como fim, como aspiração a perseguir ininterruptamente, até ao alquebramento de todos os alores jovens, e impréstitos do ocaso.

Compartilho, pois, emocionadamente, destas tão promissoras "bodas de diamante", com ardentíssimos votos de prosperidades contínuas para um muito dilatado futuro de bem-fazer.

**UMA DAS PRIMEIRAS FOTOGRAFIAS
DO NOSSO CORPO ACTIVO**



BOMBEIROS NOVOS



**BOMBEIROS NOVOS —
— VELHOS BOMBEIROS**



bibRIA

1908. Havia apenas 25 anos que se organizara em Aveiro a sua primeira Corporação de Bombeiros, em momento de grande fervor humanitário, e preenchendo uma lacuna que existia então no pequeno burgo que era a nossa cidade. Era ainda muito jovem a Associação dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, mas a sua vida interna mostrava-se agitada, fervilhando as desavenças entre os seus homens, com permanentes desentendimentos e divergentes critérios de acção. Vista à distância de uns tantos anos, não há dúvida que esse ambiente de agitação, então considerado como de indisciplina, traduzia um movimento positivo, pois que, no final de contas, todos lutavam pelo **Bem de Todos!** Os pontos de vista, díspares, não permitiam uma acção monocródica. Era premente uma solução. E a cisão surgiu, não por desinteresse pela Causa, mas, ao contrário, pelo desejo vivo de, através de liberdade de actuação, fazer o melhor. Assim nasceu a magnífica obra que é a Companhia Voluntária de Salvacão Pública "Guilherme Gomes

Fernandes" (Bombeiros Novos), obra de que hoje, passado 75 anos, Aveiro tanto se orgulha!

A acta da sua fundação, criação e instalação, tem a data de 30 de Novembro de 1908, e a Comissão Instaladora era composta pelos seguintes senhores:

Presidente — João Maria Naia Graça;
Secretário — José Augusto; Tesoureiro — João do Amaral Fartura; Vogais — Luís Soares, Luís Benjamim, João da Silva Júnior, José de Oliveira Barbosa, Jorge Pereira da Silva.

Teve a sua primitiva sede na Rua da Corredoura, de onde passou para a Praça Luís Cipriano em 15 de Abril de 1911, e mais tarde para onde hoje se encontra.

Foi o seu primeiro Comandante o senhor **Carlos Augusto José Mendes**, — de 1 de Dezembro de 1908 a 1 de Outubro de 1913, — sucedendo-lhe, de 5 de Outubro desse mesmo ano a Janeiro de 1916, o senhor **Fortunato Mateus de Lima** (pai do engenheiro Mateus de Lima, director da Junta A. do Porto de Aveiro).



bibRIA

A primeira bomba braçal, montada numa carreta de freixo, foi adquirida em 28 de Dezembro de 1913, e com os acessórios custou 380\$00 escudos. Só dois anos depois, em 24 de Junho de 1915, chegou a segunda bomba braçal. O primeiro pronto-socorro só em 1927 se conseguiu adquirir.

Como tudo, então, era tão difícil! Que força de vontade, quantos esforços, que amor à Corporação...! Que homens tenazes em quem o brio, o espírito de luta, e a sua dedicação à Aveiro nunca esmoreceram, apesar das grandes dificuldades que a época e a pobreza do meio nos deixam adivinhar terem sido enormes!

E tão grandes essas dificuldades que, em Janeiro de 1921 e sob o patrocínio do Presidente do Município, se pensou muito a sério na fusão das duas Companhias, com o nome de Companhia de Bombeiros Voluntários Aveirenses "Guilherme Gomes Fernandes". Para tal realizou-se uma reunião em 4 de Março, chegando à Associação Humanitária a aprovar o estatuto-fusão. Eram homens de boa vontade, dispostos a apaziguar e a cooperar, mas a projectada fusão não se realizou por irredutível oposi-

ção do Comandante da Companhia "Guilherme G. Fernandes", António Pedro de Carvalho, embora a Assembleia Geral a tivesse aprovado por unanimidade! Havia nele orgulho, e muito justificado ele era!

Também eu me orgulho de, como médico, ter pertencido ao brioso Corpo Activo da Companhia Voluntária de Salvação Pública "Guilherme Gomes Fernandes", que agora festeja os seus 75 anos de existência prestimosa. Foi bem modesta a minha acção adentro daquela casa, em ambiente de fraterna amizade e sã camaradagem. Do convívio que ali tive recorde boas e leais relações pessoais, e em meu poder conservo religiosamente um Diploma de Sócio Benemérito, que me foi atribuído em 29 de Novembro de 1958, pelos serviços prestados à Companhia, e ainda, através da Liga dos Bombeiros Portugueses, uma Medalha de Prata, (1 estrela) e uma Medalha de Ouro, (1 estrela) que me foram conferidas, respectivamente em 20-11-958 e 22-11-962.

Humberto Leitão

RECORDANDO...

Mã irei escrever — outros, por certo, o farão — acerca da formação da Companhia Voluntária de Salvação Pública “Guilherme Gomes Fernandes”, nem irei contar algum, ou alguns actos de valor e sacrifícios obrados pelos componentes da mesma, a qual foi fundada em 1908, pouco tempo depois do Clube dos Galitos (em 1905) se ter organizado, por cisão da Sociedade de Recreio Artístico.

Possivelmente, os seus organizadores, fiados no êxito obtido pela rapaziada dos Galitos (que insuflavam, com a sua rivalidade, nova vida no Recreio) pensaram, com a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, obter êxito a qual pondo ao serviço da nossa terra, a de todos os concidadãos, a sua mocidade ardente e generosa.

E, porque Aveiro já tinha duas freguesias, duas confrarias do Senhor dos Passos, duas músicas e dois clubes, porque não ter também duas companhias de bombeiros?

Como se pretende, da minha colaboração neste opúsculo comemorativo do 75.º Aniversário, que se faça uma abordagem histórica da Companhia, suponho vir a propósito, a transcrição das achegas LXXVI e LXXVII que publiquei no LITORAL, em 1981, que contam um facto que eu reputo de muito importante para a época e que demonstra a dedicação do seu Corpo Activo e dos seus dirigentes pelo interesse e o bom nome dos Bombeiros Novos.

E... como já estava escrito...

ACHEGAS PARA A HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

LXXVI. Em 1930, um grupo de Carolas dos “Bombeiros Novos”, com o intuito de obter receitas para aquela corporação, lembraram-se de aproveitar o enorme entusiasmo que, nessa altura, havia pelas corridas de motos, organizando em Aveiro uma competição daquele género, convictos, como estavam, de conseguirem bons resultados financeiros, pois, para verem as corridas de motos, deslocavam-se, de longas terras, multidões de pessoas.

Estudaram qual seria o melhor local para a pista (em Aveiro ou nos arredores) e concluíram, com a ajuda de corredores profissionais que consultaram, que o triângulo formado pelas estradas saídas da Ponte da Barra para o Farol, e para a Costa Nova, pela marginal da Ria (linda estrada que os temporais estragaram e as autoridades não repararam a tempo e horas), até ao encontro da que, do Farol vai até à Costa Nova, seria a pista ideal, visto ter um percurso de 5 Kms, ser fácil de fechar ao trânsito (sem causar grande transtorno ao público) e a brisa marítima refrescar os motores das motos, mantendo-os em boa carburação. Além disso, as areias que bordam as estradas serviam, não só para os mirões observarem, sem perigo de maior, as provas, como, ainda, para amortecer os choques de quaisquer trambolhões que viessem a dar-se.

Houve quem entendesse (há-os sempre!) ser atrevimento tal organização e receasse o insucesso financeiro deste empreendimento, não só pela pista ficar afastada da cidade, como, também, por ser a sua área de difícil fiscalização, quer ao longo da Ria, quer ao longo do mar.

Com o entusiasmo dos organizadores e a boa vontade de todos os que aceitaram colaborar com eles, incluindo todas as autoridades, conseguiram levar a bom termo a tarefa a que se propuseram e



obter alguns resultados financeiros: foi uma boa experiência.

A Direcção das Estradas tomou ao seu encargo ter em boas condições o piso da pista, de forma a que os concorrentes não tivessem motivo para fazer reclamações. O Regimento de Cavalaria destacou soldados a cavalo para vigiar a estrada paralela ao mar; os Bombeiros encarregaram-se de vender os bilhetes em bilheteiras montadas em Aveiro, à entrada da Ponte da Barra e na estrada da Costa Nova; a Polícia de Segurança Pública determinou o encerramento, com a devida antecedência, do trânsito para a Costa Nova e para a Barra, estabelecendo que, quem tivesse necessidade de ir para aquela praia, se servisse da estrada de Ílhavo, devendo, para a Barra, os peões seguirem pelo paredão; e a Polícia também ajudou os Bombeiros nos problemas que surgiram com a missão de que estes estavam encarregados.

A organização — sem que ninguém, alguma vez, tivesse andado metido nestas andanças — teve de montar a parte técnica da corrida: partidas e chegadas dos corredores; tempos gastos por cada um dos concorrentes; velocidades médias de cada volta; fiscalização da pista, etc., etc.

Disto se encarregou o meu saudoso amigo José Duarte Simão que, dotado de grande capacidade de organização e grande dinamismo, formou várias equipas com as quais discutiu o plano que idealizou e estudou e por quem distribuiu as missões que entendeu serem indispensáveis para se atingirem os fins em vista.

Para uma destas equipas, também eu fui caçado — eu, que era todo dos “Bombeiros Velhos” —, não só pela amizade que havia entre mim e o Simão, mas, também, e principalmente, pelo facto de ter prática de cronometrar provas atléticas; e, apesar de não termos a aparelhagem que hoje há para este efeito, lá nos safámos, sem motivo para reclamações, daquela missão que, de entrada, nos pareceu um bicho de sete cabeças. E fomos ao menor de indicar os quintos de segundo, e o Simão,

a indicar, de imediato, o tempo gasto em cada volta e a média horária a que este tempo correspondia.

E não havia as calculadoras electrónicas para fazer essas contas...

Continuarei.

LXXVII. O José Simão (e a sua gente) instalou-se numa tribuna que, para aquele efeito, foi montada à meio da recta da estrada que do Farol vai até à Costa; e, dali e através de aparelhagem sonora, eram fornecidas ao público informações à medida que a prova se ia desenrolando.

Esta primeira corrida (denominada I CIRCUITO DO CENTRO DE PORTUGAL) foi realizada em 31 de Agosto de 1930, patrocinada pela Comissão Desportiva do Moto Clube de Portugal e constou de 40 voltas ao triângulo, ou seja 200 Kms, nela tomando parte motos de 500 c.c. e de 350 c.c., com os seguintes corredores: Manuel Machado em Triumph; Augusto Reis em Monet Gayon; Ângelo Bastos em New Hudson; Mário Teixeira em Rudg Withon; Rodrigues da Silva em New Hudson; Enrique Emiliano em Monet Gayon; Fernando Sousa em B.S.A.; e J. M. S. em New Hudson.

A melhor média obtida foi a de 81,874 Kms, por Mário Teixeira, seguindo-se-lhe a de 79,426, por Ângelo Bastos e a de 76,120, por Fernando de Sousa.

Os prémios distribuídos foram: 300\$00 (trezentos escudos) em dinheiro, oferecidos pela Comissão Municipal de Turismo, uma taça de prata, oferta dos “Bombeiros Novos” e, ainda, medalhas de ouro e diversos objectos artísticos oferecidos por várias firmas da cidade.

Houve, apenas, um desastre, por choque, logo à primeira volta, com ferimentos sem muita gravidade, que foram tratados no Hospital.

Esta corrida trouxe a Aveiro — como se esperava — enorme multidão de entusiastas e o seu êxito foi tal que entusiasmou os “Bombeiros No-

vos" a organizar, no ano seguinte, propriamente em 30 de Agosto, nova corrida (II CIRCUITO DO CENTRO DE PORTUGAL), esta já com o concurso da Comissão Desportiva do Moto Clube de Portugal, tendo a Comissão Organizadora ido a Vila do Conde — onde havia corridas deste género — ver uma prova e observar a organização da mesma.

Nesta segunda corrida já houve um Juri da Prova, composto pelo Presidente da Comissão Desportiva do Moto Clube de Portugal e pelos senhores Dr. Alberto Souto e Alberto Ruela. Vieram do Porto quatro cronometristas oficiais; houve um Director de Corrida, o Engenheiro José Bernardes (das Obras Públicas) e foram Comissários Desportivos Manuel dos Santos Ivo, José Teles de Meneses, Humberto Trindade, António Osório e Herculano Graça.

Nova corrida se realizou (III CIRCUITO) em 28 de Agosto de 1932 e, nela, tomaram parte — e foram classificados — dois amadores aveirenses: José da Costa Canal, marujo do Centro de Aviação Naval, que correu em B.S.A. de 350 c.c. na categoria de "sport" (100 Kms) e Armando Pereira Campos, em Paroleia de 500 c.c., também na categoria de "sport" (125 Kms), os quais competiram, o primeiro, com António de Figueiredo, em New Imperial, e o segundo com Ângelo Bastos em Rudg e Jaime Correia Campos em Royal Enfield.

Na categoria de corridas (150 Kms) tomaram parte: Alexandre Black, Ângelo Bastos e Inocêncio Pinto, em Rudg; Mário Teixeira, em Norton e Ernesto Von Haff, em D K W.

Passou o grande entusiasmo das corridas de motos e aos carolos dos "Bombeiros Novos" passou também o interesse de repetir a prova que, para ser organizada, exigia muito trabalho, dispêndio de energias e de tempo e, ainda, a colaboração de pessoas estranhas aos Bombeiros.

Tenho pena de não prestar a minha homenagem a muitos dos que colaboraram nestas provas (que trouxeram a Aveiro muita gente e que deram origem a que, por todo o País, o nome da nossa terra fosse falado) trazendo para estas achegas os seus nomes.

Porém — e apesar de toda a minha boa vontade e das diligências que fiz —, não tive possibilidade de chegar até aos arquivos dos "Bombeiros Novos" porque estes — segundo me informaram — devem estar para o sótão, juntamente com outra papelada, devido à falta de espaço — se é que lá estão.

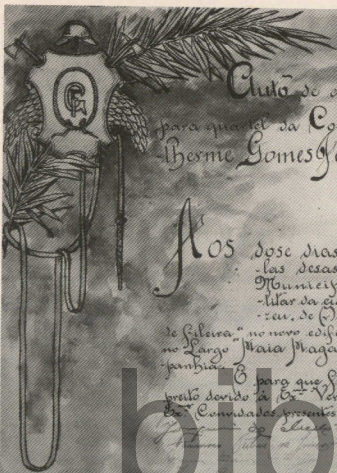
Não estranhei este facto porque, na altura em que os "Bombeiros Velhos" fizeram cinquenta anos, foi resolvido editar um número comemorativo — que se fez, e a que chamamos HUMANITÁRIA —, e o ilustre aveirense Dr. Alberto Souto, então Presidente da Assembleia Geral, tentou consultar o artigo para elaborar uma monografia, e nada encontrou.

Ele e eu procedemos a averiguações e soube-mos que o referido artigo foi, pelos comandantes Isaías e Firmino, ou queimado, ou vendido a farrapeira, por estar a ocupar espaço!

O mesmo aconteceu — soubermo-lo depois — aos das duas Confrarias do Senhor dos Passos, em que ambos pontificavam!

Há quem — mesmo hoje — tenha a fobia dos papéis!

J. Evangelista de Campos



Auto de assentamento do "pau de fileira" no edifício para quartel da Companhia Voluntária de Salvção Pública "Guilherme Gomes Fernandes".

AOS doze dias do mês de Setembro do mil novecentos e vinte, pelas dezasseis horas, perante os representantes da Ex.^a Câmara Municipal de Aveiro e da Imprensa local, Comandante Municipal da cidade e das Companhias dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, de Aveiro e das Ex.^{as} Autoridades, foi solenemente assente o "pau de fileira" no novo edifício que a Ex.^a Câmara Municipal está fazendo construir no Largo da Maia Magalhães desta cidade e destinado ao Quartel desta Companhia. E para que fique gravado em letras de ouro este acto solenissimo e o grão doado à Ex.^a Vereação se lavrou o presente auto que vai ser assinado pelos Ex.^{as} Comidades presentes.

bibliotheca

(List of names and signatures, mostly illegible due to cursive handwriting and fading)

Auto de Assentamento do "Pau de Fileira" no edifício para quartel da Companhia Voluntária de Salvção Pública "Guilherme Gomes Fernandes".

HOMENS QUE SE DÃO



A

Companhia Voluntária de Salvação Pública "Guilherme Gomes Fernandes" — vulgarmente designada por "Bombeiros Novos" — comemora durante o ano corrente as bodas de diamante da sua ins-

tuição. Foi em 30 de Novembro de 1908 que um reduzido grupo de homens da "Beira-Mar", dispostos a servir sem outro interesse que não fosse fazer o bem sem olhar a quem, deram corpo a esta Associação, há muito credora da nossa admiração e do nosso reconhecimento.

Hoje, porém, esqueço-me desse significativo capítulo da história aveirense, para me curvar diante de homens que, em tantas horas de perigo, se demonstram como autênticos heróis. Não lhes correrá pelas veias o sangue da cavalaria medieval ou da fidalguia aristocrática, mas — o que é mais valioso — continuam nos seus cometimentos a gesta singular dos filhos anónimos de um povo vocacionado para a aventura, marcado pelo sacrifício e impregnado de Evangelho.

Não precisamos de relembrar o consabido acto legendário de S. Marçal, patrono dos Bombeiros cristãos. Ele, se com o báculo milagrosamente extinguiu um incêndio, não expôs a sua vida; mostrou, sim, um poder taumaturgo que lhe não era próprio porque extraordinariamente recebido por Deus.

Também não temos necessidade de evocar Santa Mafalda, eleita pelos Bom-

beiros do Distrito de Aveiro como sua padroeira. Ela, outrossim — se é verdade o que se afirma — realizou idêntico prodígio ao deflagrar-se um incêndio no Mosteiro de Arouca; o seu mérito advém-lhe apenas de ser intermediária de um dom superior.

Para os nossos bombeiros voluntários, correndo apressadamente ao toque da sireia, esquecidos de si e de familiares, de cabelos encrespados ao vento, enegrecidos pelo fumo e queimados pelo fogo, esfoameados por escassez de tempo... para os nossos bombeiros o bispo gaulês S. Marçal ou a rainha portuguesa Santa Mafalda não serão exemplos de heroísmo, mas quicá modelos de fé e intercessores no perigo.

Todavia, se pretendermos encontrar um homem que seja o protótipo do bombeiro voluntário, escusamos sair das páginas da nossa história. Aí encontramos João Cidade, filho de uma família pobre de Montemor-o-Novo, que, mercê de circunstâncias adversas, viveu fora do país, afastado do ambiente familiar e longe da terra natal, sofrendo na alma e no corpo dificuldades e angústias, fomes e privações. Evocá-lo anima na coragem aqueles homens que se dão ao irmão-homem.

Certo dia, num dos últimos anos da primeira metade do século XVI, os sinos das igrejas de Granada, ao sul de Espanha, anunciavam uma pavorosa desgraça: o Hospital Real era pasto de chamas alterosas. O povo acorria, tumultuariamente mas ansioso por combater o sinistro.

De súbito, ecoou um grito, soltado

bibRIA

por centenas de vozes. Viam-se figuras humanas, na secção dos doentes mentais, que, lancinantes, pediam socorro. Mas... como ir até lá, se as salas e os corredores eram envolvidos por rolos de fumo e atravessados por línguas de fogo?!... As mortes previam-se eminentes, entre aflitivos horrores.

É neste momento que surge um português, correndo para o grande edifício, a arder por todos os lados. Arranca um balde das mãos de alguém, despeja a água sobre si mesmo e desaparece no meio do infernal cenário. O homem, que toda a cidade bem conhecia como protector carinhoso de marginais e desamparados, consegue libertar os doentes e conduzi-los para fora do braseiro, amparando uns, erguendo outros, empurrando os duvidosos e levando às costas quem não pode andar. Salvou-os a todos.

Quando ele, denegrado e queimado, chegou à praça, foi o delírio em aplausos; mas não estava satisfeito. Humedeceu novamente a roupa, respirou fundo e correu

mais uma vez para o interior do hospital; a todos pareceu que o salvador de tantas vidas iria agora morrer queimado. Tal não aconteceu, porém. Daí a pouco, aparecia à multidão, agora numa das varandas, atirando colchões, travesseiros, peças de roupa, móveis, utensílios e tudo o que podia alcançar.

O heróico benfeitor, cumprida a tarefa a que se lançara, desceu finalmente para o meio da multidão, aplaudido por uns, venerado por outros e elogiado por todos.

João Cidade — a quem o povo já apelidava de João de Deus — morreu em 1550 e foi canonizado pela Igreja em 1691. Se merecidamente é considerado como patrono dos enfermeiros e dos doentes, nem por isso ele deixa de ser o precursor e o protótipo dos Bombeiros Voluntários. E não conhecemos nós tantos homens, mesmo vivendo connosco, que — como o “Português de Granada” — são exemplo de heroísmo na salvação de vidas e de haveres?...

SILVO ESTRIDENTE



Sou o silvo na altaneira sirene dos Bombeiro! É momento de aflição para uns, de conforto para outros, de esperança para todos! De dia como de noite, os bombeiros correm ao quartel e as viaturas adequadas já estão a trabalhar, prontas para transportar os homens que irão enfrentar todos os perigos. Há que seguir e não temer. Os pais, as esposas, os filhos e demais familiares estão desde há muito mentalizados do dever do Bombeiro, mas quantos deles não terão no pensamento e nos lábios uma oração de protecção e desejo duma feliz actividade e regresso!

É a missão do Bombeiro, a bem da Humanidade, que está em causa e é acima de tudo que os Soldados da Paz empregam os seus esforços para minimizar os prejuízos pessoais ou materiais.

Grande lição de abnegação dos Soldados da Paz, que acompanho desde menino, já que nasci — em 17 de Novembro de 1921 — ao lado do quartel dos Bombeiros da Companhia Voluntária de Salvação Pública “Guilherme Gomes Fernandes”, mais propriamente na Rua do Gravito (paredes meas onde também nasceu o talentoso Bispo D. João Evangelista de Lima Vidal), freguesia da Vera-Cruz.

Os meus primeiros passos foram dados pelo actual Largo do Capitão Maia Magalhães. É que a padaria do meus pai (o meu pai era industrial de padaria) tinha saída pela estreita viela da Granja e quando de dia os sinos rebatiam no campanário da Câmara Municipal (naquela época não havia sirene, c alarme era feito nos sinos por toques que lo

calizavam a zona e a espécie do sinistro) lá partia eu em corrida, para a boca daquela Vuela, ver sair os bombeiros, que então, por 1926, já possuíam um velho automóvel para seu transporte, que era a minha maior predilecção.

Quantas vezes o meu pai, a minha mãe e até o meu irmão mais velho me iam buscar, receosos da minha traquinice em me meter na viatura. Até a Ti’Maria do Barros, a Emília do Ribeiro e tantas outras me punham a mão e me levavam ou obrigavam a ir para casa.

Agora, quase velho, como recordo com saudade a meninice que vivi em comunhão com os Bombeiros Novos — velhos vizinhos meus que muito admiro e que não esqueço e não canso de enaltecer.

Com surpresa minha, fui agora convidado para escrever algo a propósito desta Corporação e do seu 75.º aniversário. Não podia, como nato “cagaréu” e director do jornal mais antigo do Concelho de Aveiro em circulação — o “ECOS DE CACIA” — furtar-me a tão honrosa distinção, e, embora modestamente, também não encontraria melhor motivo para colaborar neste opúsculo que ficará perpetuado através das gerações.

Esta resenha, que faz parte da minha vida, é também uma recordação dos primeiros anos dos Bombeiros Novos de Aveiro.

O seu novo Quarte-Sede, que vamos inaugurar, será a futura casa dos Soldados da Paz que a gente da Beira-Mar acarinha e os seus filhos continuarão, por Dever e Brio, a guarnecer através dos tempos.

1934



**CORPOS GERENTES
E
CORPO ACTIVO
DOS
BOMBEIROS NOVOS**

DUAS LIÇÕES QUE MUITO
AGRADEÇO



No 75.º aniversário dos
BOMBEIROS NOVOS
com um abraço amigo
de parabéns e votos de
felicidades para o futuro

BIBLIA

Tendes, como ideal da vossa vida, duas palavras que são, para mim, duas maravilhosas lições. Assim eu as aprenda. Sois **VOLUNTÁRIOS**. Sois bombeiros porque que-reis. Ninguém vos obriga.

Daí que a vossa entrega seja total. Não há horários. É de dia e é de noite. O toque da sirene é o vosso despertador. E vós correis, deixando a família, abandonando o trabalho, para enfrentar corajosamente o perigo.

Ao serviço dos outros, sem discriminações, nem hesitação.

Uma disponibilidade sem ambições! Um heroísmo discreto!

Obrigado por esta maravilhosa lição. De vós se espera o máximo. A vós se dá tão pouco.

É que vós dais **VIDA POR VIDA**. Este vosso lema recorda-me as palavras de Cristo: "Não há maior prova de amor do que dar a vida pelo amigo". Dais tudo. Recebeis pouco; às vezes, nada; outras ve-

zes, ingratidões.

Ser bombeiro não é profissão ou ofício. É missão de amor, numa entrega generosa de serviço. A vossa dedicação é total. O vosso sacrifício é constante, sempre prontos. Solidários com a vida dos outros, arriscais a vossa vida. Há aqui uma força de Evangelho: realizais o mandamento novo que Cristo nos deixou no testemunho da Sua vida e na boa-nova da Sua mensagem salvadora: "Amai-vos uns aos outros...".

Esta é a segunda lição maravilhosa que muito vos agradeço.

A terminar, recordo palavras do senhor Presidente da República, general Ramalho Eanes, no encerramento do XXV Congresso dos Bombeiros Portugueses (Figueira da Foz, Outubro de 1982): "**NUNCA SABEREMOS PASSAR SEM VÓS. NUNCA VOS SEREMOS SUFICIENTEMENTE GRATOS**".

(Chefe de Redacção do jornal
"Correio do Vouga")

Padre Sebastião António Rendeiro

1955



**CORPOS GERENTES
E
CORPO ACTIVO
DOS
BOMBEIROS NOVOS**

BOMBEIROS

UMA EXEMPLO HUMANIDADE

ANJOS DA GUARDA
NUMA SOCIEDADE EGOÍSTA



bibRIA

"**P**obres sempre os tereis a Mim, nem sempre Me tereis...
"Estas palavras foram ditas um dia pelo maior revolucionário que surgiu sobre a terra. E poucos, neste conturbado século, nesta desenfreada maratona da vida mundial, nesta luta pelo poder, nesta ânsia de soberania terrestre, as terão meditado, vivido profundamente.

Pedem-me um texto em honra da memória dos abnegados Bombeiros Novos, comemorando os seus 75 anos de vida. Hesitei um pouco no que escrever, no que dizer, ao coração desses Anjos da Guarda de uma Sociedade egoísta. Escrevo, não escrevo? Hesitei, porque dizer banalidades é chover no molhado. Dizer novidades, é difícil, para quem já tanto escreveu no romance feito pelos sem farda, para que os da farda tingida de tanta generosidade, de tanto sangue, de tantas queimaduras!

Pobres sempre os tereis, a Mim nem sempre Me tereis... porque eu vou para o Pai. Parafraseando o Mestre diremos que pobres sempre os haverá neste mundo carante de auxílio, mas bombeiros que correm

para o fogo com a mesma generosidade, a mesma ânsia com que correm para beijar a irmã, a mãe, a esposa, os filhos, nem sempre abundou para apagar chamas, cicatrizar chagas de carne feitas, ou de espírito atribulado.

Temos registado mil e um factos no nosso calcarrear de também servir, mil e um casos de abnegação dos homens que envergam a farda do voluntariado. Estultícia seria registarmos os que mais nos sensibilizaram, a agulheta que mais trabalhou. Autênticos actos que enalteceriam qualquer santo que hoje veneramos nos altares.

O bombeiro perde a sua cabeça para se lembrar da do seu irmão. Perde os seus haveres para salvar os de quem, porventura, eram superiores aos seus. Perde o amor dos filhos, quantas vezes, para defender os de quem, quiçá, nunca lho agradecerá! Perde-se, enfim, a si mesmo, para encontrar o outro. Perde-se muitas vezes pelas curvas, porque optou pelas rectas para chegar mais depressa ao seu semelhante que sofre.

O Bombeiro é o homem que ao fazer o seu compromisso, morre para si, para que o seu irmão viva. Aqui reside toda a



bibRIA

razão da sua existência bombeiral. E até mesmo quando pratica exageros, porventura condenáveis pela sociedade que não está imbuída do altruísmo do correr para o fogo, para as labaredas, o bombeiro continua a ser herói da sua loucura.

Já o escrevemos algumas vezes: há momentos na vida, já tive alguns, que me apetecia beijar as mãos negras do fumo, enxarcadas de lama, salpicadas de sangue, desses homens que saindo do aconchego dos seus lares, quer seja noite cerrada, ou noite lua-renta, quer chova ou neve, não olham a perigos para conseguirem os seus objectivos — salvar vidas-haveres.

Mas não me atrevo a terminar sem contar um dos casos que mais me impressiona nesses soldados da Paz.

Eles, que tudo dão, vêem-se ainda na obrigatoriedade de andar com o saco às costas pedindo (oh, paradoxo!) para melhor poderem servir aqueles a quem batem à porta. É dos actos bombeirais que mais me

impressionam, mais me revolta, em tão nobre e altruísta missão.

A culpa não é do povo, porque o povo é generoso e dá, por vezes, muito do que lhe fará falta, mas é, essencialmente, dos poderes, dos poderes constituídos que há muito deviam ter estruturas capazes de evitar que houvesse bombeiros de sacos às costas. A sua arma não é a taleiga, mas a agulheta, o machado...

Para vós, homens de Aveiro, Soldados da Paz da Corporação desse grande homem que foi Guilherme Gomes Fernandes, vai o nosso agradecimento e permitam-me que, com toda a delicadeza, com ternura, com amor reconhecido, vos beijei as vossas mãos, porventura calejadadas, quiçá queimadas, pelos dois fogos que um dia vos devoraram... Na vossa pessoa beijo, também, todos os bombeiros do meu País, de todo o Mundo.

Aos que já sacumbiram, paz à sua alma.

Daniel Rodrigues

BOMBEIROS

UMA EXEMPLAR HUMANIDADE



bibRIA

Cuidamos não haver galardões que paguem devidamente a coragem indomita, a abnegação total e o próprio heroísmo, a cada passo demonstrado, dos nossos bombeiros.

Ao longo da existência, já tão dilatada, assistimos a tragédias inenarráveis e sem conta, designadamente a incêndios, sempre calamitosos por devastadores, inclusivamente àqueles que tornaram num archote o antigo edifício do Governo Civil e, mais tarde, num fantasmagórico oceano de labaredas extensas zonas viridentes do Baixo-Vouga. E podemos testemunhar, por quem somos, que jamais um "soldado da Paz" deixou de fazer guerra, sem sombra de tergiversações, até à exaustão, contra o mil vezes traçoeiro inimigo.

Na sua maioria de raiz humilde — se é que a raiz humana não é toda a mesma... —, os bombeiros sempre por sempre souberam honrar a nobre farda, como descendentes que são, afinal, dos barrigas ao léu de que nos fala um dos maiores da língua portuguesa, mestre Fernão Lopes.

Quem teve ensejo de presenciar a saída de bombeiros do quartel, empoleirados nos carros, nervosos mas plenos de querer, insensíveis ao próprio perigo no fito único de conjurarem riscos alheios, não haverá deixado de sentir desde logo uma

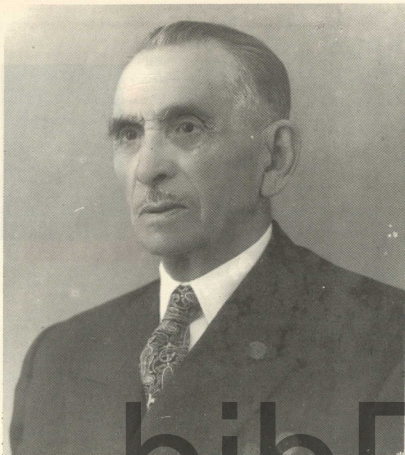
fervida admiração por tanta filantropia.

Num país onde muitas e muitas coisas correm ao Deus dará, desarticuladamente, quando não ronceiramente, os núcleos formados por tais homens, completamente estranhos a egoísmos ferozes e outros quejandos sentimentos, constituem quase paradigmática excepção. Céleres, determinados, sem olharem para trás nem a quem, vencendo todo e qualquer obstáculo, logram ser eficientes, inequivocamente úteis.

Ao passarmos por um quartel de bombeiros, descobrimo-nos, íntima e instintivamente, numa saudação. Melhor talvez, num enternecido agradecimento. O mesmo sucede, aliás, consintam que refira, quando deparamos com o monumento perpetuativo de José Rabumba (O Aveiro), bombeiro glorioso, bombeiro ele também da nossa terra, porque não tendo dominado, embora, mares de chamas, venceu serras de água.

Na longa gesta dos bombeiros aveirenses abundam as páginas fúlgidas, escritas com luz estelar. Diz-se, e é certo, que amor com amor se salda. Simplesmente, só temos palavras de cutilique para exaltar os tesouros de humanidade, de bem querer ao semelhante, de tão magníficos e pacíficos heróis. Essa a nossa mágoa, a nossa grande lástima.

João Sarabando



bibRIA

EXEMPLOS
DE
DEDICAÇÃO
À
CAUSA
DOS
BOMBEIROS
NOVOS



JOSÉ DE PINHO

Anos e anos a fio, misturando o seu talento artístico com o seu abnegado espírito de bombeiro, a capacidade do sonho plasmada em obra de arte com o contra-ponto da ordem traduzido em impecável poder de direcção de homens. Ele esteve na base da construção do nosso anterior quartel.

JOSÉ VIEIRA BARBOSA

O dirigente de três dezenas de anos. O suporte de tantas iniciativas desta casa.

O homem simples que simplesmente se assumia de Aveiro e dos seus Bombeiros Novos.

O espírito de sacrifício levado até ao fim, bem ao jeito daqueloutro que, hoje em dia, se encorpa no José César Rodrigues, indiscutivelmente seu émulo.

DR. LOURENÇO PEIXINHO

O presidente da edilidade que viu largo e rasgou a avenida principal da nossa cidade. O homem bom de Aveiro que não regateou empenhamento no apoio financeiro à construção do quartel de 1920 dos Bombeiros Novos.

Aveiro esteve nele, então, com seus edis, como hoje Dr. José Girão Pereira e a sua Câmara.

A BATALHA



Só dentro em pouco, a cidade ainda adormecida, acordará. Contudo, o sol, espreguçando-se já, refulge com uma intensidade invulgar, numa manhã de anunciação. É como que um brilho mágico, com cintilações diamantinas, que fere e estilhaça as águas dos canais e dos ladrilhos das marinhas.

Algo de anormal e significativo enche os ares deste dia primaveril, de promissores augúrios.

E eis, que se quebra o encanto. A Boa Nova transpõe num ápice as portas escancaradas do bairro da Beira-Mar, e galga o espaço, levada nas asas alvissareiras das gaivotas, até aos confins da ria.

Então, é o deslumbramento. À recepção dos arautos da mensagem, quais pétalas erguidas simultaneamente, enfunam-se à brisa festiva as velas brancas, nos lonjes da pássagem, em sinal de regozijo pelo evento. — É que a história da Cidade reflecte-se por toda a laçada que a abraça, e onde nasceu numa auréola de sal, há mais de mil anos. O brasão do burgo milenário fica hoje mais rico e enobrecido, com este dia de fulgor resplandecente, irradiado por um diamante em formação, que perfaz sete decénios e meio de existência.

Como primeiramente os hebreus e os gregos, foi D. João I, o de Boa Memória, que instituiu por carta régia datada de 1395, os vigias nocturnos encarregados de efectuar rondas, dar alarme em caso de fogo e combatê-lo, definindo as missões dos carpinteiros de machados e das mulheres para a condução

de água. O fundador da dinastia de Avis cria assim os bombeiros portugueses.

Aconteceu neste seu reinado, que Portugal alicerçou a independência, ao esmagar os castelhanos em Aljubarrota, onde — entre as hostes portuguesas, sobre o comando do rei e do condestável Nuno Álvares Pereira —, sobressaíu pela valentia e patriotismo, a Ala dos Namorados. Por acção de graças e perpetuação do glorioso feito, mandou o monarca erigir esse majestoso Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha.

Também vós — Bombeiros Novos, — como o rei-bombeiro e a fina flor do seu exército —, com a vossa juventude de sempre e a entrega total ao amor pelo próximo, lograstes vencer a vossa batalha. Foi como que um incêndio gigantesco, devastador, que vos consumia o coração há muitos anos, que finalmente conseguiste dominar, após porfiados e contínuos ataques de demorado esforço e perseverança.

Fruto, pois, de dedicação ímpar, sob a égide do vosso valoroso patrono, também vós — Bombeiros Novos, edificastes o vosso mosteiro: — o Quartel-Sede. Sonho corporizado pelo trabalho árduo e persistente de homens temperados ao calor das labaredas alterosas, ele aí está na grandeza da sobriedade, a simbolizar a purza de sentimentos do voluntariado. Que neste momento de júbilo, o vosso exemplo de solidariedade humana se fortaleça ainda mais, e se continue no testemunho que entregardes aos vindouros, porque o exige a Corporação que jurastes servir, e que ostentas o nome glorioso de Guilherme Gomes Fernandes.

1983

ASSIM ESTAMOS...!



ACTUAL DIRECÇÃO DOS BOMBEIROS NOVOS

De pé:

João dos Santos Moreira — Presidente substituto

Joaquim António Gaspar de Melo Albino — Presidente efectivo

José Marques Rodrigues da Paula — vogal

Sentados

José César dos Reis Rodrigues — 1.º secretário

Joaquim Pereira Júnior — tesoureiro

João Laurentino dos Reis Rodrigues — 2.º secretário

"BOMBEIROS NOVOS"

EXEMPLO TÍPICO DE SOLIDARIEDADE PERMANENTE



Podem vir dizer-me muito (e mal) dele, como ex-membro do Governo e até, admito-o, como pessoa. Admito, mas não creio. Quem quer que seja que o disser saberá das razões (justas ou injustas) que lhe assistem para o fazer. O que ninguém, honestamente, pode — porque isso é incontestável — é duvidar do muito interesse e do enorme entusiasmo que, nas mais diversas circunstâncias, (só lhe faltou apagar os fogos, de agulheta na mão) sempre soube dedicar à nobre causa dos Bombeiros Portugueses. Refiro-me, em modesta homenagem, ao Eng.º Ângelo Correia, ex-Ministro da Administração Interna, o qual, nessa qualidade, teve a oportunidade de afirmar o seguinte no decorrer da cerimónia dos 100 anos de vida dos Bombeiros Municipais de Faro: "cem anos de testemunho de louvor, cem anos de suor e sangue, cem anos de sacrifício que não conhece momentos difíceis, chuvas, intempéries, reivindicações ou greves. Por isso, a única atitude lógica e coerente de qualquer cidadão do nosso país é prestar testemunho natural e inevitável a qualquer uma das suas Corporações. Vós, Bombeiros, dais o exemplo ao País com a vossa solidariedade institucional que preside ao exercício e à concepção da vossa acção".

Se, despartidarizadamente, trouxe, de boa fé, a este apontamento, as palavras que acabo de reproduzir é porque elas aplicam-se, de modo perfeito, ao caso concreto dos "Bombeiros Novos", de Aveiro, Associação Humanitária fundada em 30 de Novembro de 1908, reconhecida de Utilidade Pública, detentora da Medalha de Prata da Cidade e da Medalha de Ouro, de 2 estrelas, da Liga dos Bombeiros Portugueses.

Tem sido ao longo de 75 anos de grande vitalidade que os prestigiosos "Bombeiros Novos", com tanto "sangue, suor e lágrimas", têm conseguido prestar, com êxito pleno, a sua nobre missão em situações mais ou menos graves de incêndios, socorros a naufragos, acidentes rodoviários, etc.

Radicado em Aveiro desde Outubro de 1958 e Comandante dos Bombeiros privativos do Centro Cacia, da Portucel, EP, desde 1962, estou em óptimas condições para, sem exageros, avaliar o muito e justo apreço em que são tidos na cidade, no concelho, no distrito e no País os "Bombeiros Novos" de Aveiro.

Como cidadão, como Bombeiro e como Comandante de uma Corporação que tanto e tão bem conhece o exemplo dignificante que é dado pelos "Bombeiros Novos" ao longo de todas as horas, de todos os dias de todos os anos, aqui estou a prestar uma humilde homenagem, à semelhança da que o bem determinado Eng.º Ângelo Correia dedicou, em Faro, aos Bombeiros Municipais locais.

Pelo seu dignificante exemplo, os "Bombeiros Novos" são merecedores (não é nenhum favor que se lhe faz) das homenagens das populações de todo o País e de todo o apoio dos governantes (centrais e locais) face à muito importante e tão necessária valorização (quarte-sede, novas viaturas, etc.) por que está a passar a Corporação, dotando-a de tudo quanto ela necessita (e não é pouco) para, exemplarmente, exercer as suas nobres missões. É justo. Impõe-se.

Quem contesta?

Lúcio Lemos



EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, S. A. R. L.

ESTRADA DA BARRA, 9 — 3801 AVEIRO CODEX

End. Teleg. «SÁLGUEIROS» — Telefs.: 23111/2/3 — Telex 22466 EPESCA P

PESCA LONGINQUA DO BACALHAU, PESCADA, ATUM, etc.

bibRIA

CONSERVAS DE PEIXE

Sardinha, Atum, Cavala, Anchovas, Lulas, Polvo, Bacalhau, etc.

Instalações de secagem e conservação de bacalhau, na Gafanha — AVEIRO

OFICINA DE REPARAÇÕES NAVAIS

Peixe
Congelado

Frota

- 3 Arrastões da Pesca do Bacalhau, pela popa
- 3 Navios de Pesca Polivalentes, Congeladores
- 1 Atuneiro Congelador

O "BOMBEIRO" DAVID CRISTO



Como habitante deste mundo, onde não pedi para nascer, não posso deixar de me sentir constrangido, e até envergonhado, por saber que os países mais responsáveis pelo destino deste infeliz planeta malbaratam os seus recursos limitados em engenhos de morte que amanhã serão outras tantas provas deste delito monstruoso a ser apontado, severamente, pelos vindouros, com certeza muitíssimo mais lúcidos e, por isso, possuidores, também, de uma verdadeira humanidade. A ostentação insolente destes engenhos é simplesmente lastimável e faz-nos acreditar que os manda-chuva responsáveis contam, à partida, com a ignorância, o "laissez passer", a morna indulgência, a inconsciência, ou a simples indiferença dos outros homens já receptivos à enormidade pela robotização conseguida, sub-repticiamente, pelos meios ao dispor da sociedade consumista. Pois que se assim não fosse, como se atreveriam a materializar esta sua deletéria poluição cultural? Quando leio em caracteres de caixa alta e a quatro ou mais colunas que a nacionalidade tal, ou tal, conta, impante, com mais um submarino atómico, eu não posso deixar de pensar que se gastou, ingloriamente, o equivalente ao que custaria hoje uma cidade de 50 000 habitantes. Isto significa uma Aveiro-cidade ao serviço surdo da matança ainda por determinar. Quando se despenha um

bombardeiro, ou simplesmente se deixa ao abandono, por obsoleto, já sei que foi queimada a quantia equivalente ao salário de 250 000 professores durante o ano de ensino, ou o equivalente a trinta faculdades de ciências para 1 000 estudantes cada uma, ou o equivalente a setenta e cinco hospitais de cem camas completamente equipados. Sabemos que os americanos calculam ter de gastar, por ano, a soma astronómica de 3 000 milhões de dólares para poderem respirar novamente ar puro. E não desconhecemos que 8 por cento da receita nacional francesa vai acabar no automóvel enquanto — espantem-se amigos! — apenas 4 por cento dessa receita é gasta em alojamentos (informação de Michel Ragon, in "Cidades do Futuro").

Sociedade, pois, desumanizada pelo contributo brutal, maciço, ou simplesmente subterrâneo dos "mass media". Sociedade robotizada submergindo-se de alienação em alienação. A práxis social vivendo mais um particularismo clubista e menos, mesmo muito menos, uma salutar e desejável, urgentemente desejável, abertura capaz de congrega todos os esforços no sentido de reconstruir o nosso país em bases socialmente justas. Mas nós, portugueses, e como vimos, não temos o exclusivo da estupidez consumista.

Se o que já escrevi parece destinar-se a qualquer artigo de cariz flagrantemente político é apenas porque, nesta vida, nada há de político...

hibria

Quando, noite alta, a sereia geme no negrume clamando pela acção rápida, decidida e eficiente do bombeiro que, muito justamente, descansa os seus ossos doridos pelas suas obrigações de sobrevivência, tantas vezes difícil e exaustiva, nós apenas vociferamos contra o corte do nosso sono, ou do nosso sonho que serão retomados sem a preocupação mínima de saber quem, nesse momento, engrossa a voz da cidade com os seus lamentos.

— Onde seria o fogo?

Perguntamos displicentemente (se perguntamos) enquanto bebemos o café da manhã. Interiormente, esse sossego tépido, essa calma, ou até alguma dor epidérmica (que por ser epidérmica, não chega a ser dor) pela verificação de que nós e os que nos são próximos continuamos muitas milhas a leste da ocorrência. Todos os dias, todas as noites, a repetição do som magoando o espaço, irrompendo pelas avenidas, ruas, largos e vielas, num fernesim de chamamento que só encontra eco e resposta necessária naqueles voluntários que representam, para mim, o exacto oposto dos tais manda-chuva responsáveis pelo desvio do erário público das verbas colossais para engenhos geradores de matanças cegas e maciças. Estes homens não são chamados para matar porque não respondem a apelos de fanfarras, nem a tambores de guerra, nem à dinâmica de discursos habilmente

inflamantes. Para eles as madrugadas de frio encanado pelas ruelas da beira-mar, madrugadas de descanso interrompido pela inquietação das sereias. O ímpeto de generosidade vence de imediato o langor trazido do mundo quente do sonho. É preciso. E tanto basta para vencer todos os atritos, às vezes, fortes imposições de carácter físico derivadas de trabalhos esgotantes. Camionetas, ambulâncias, carros, tudo vermelho e veloz atravessando as ruas desertas ou abrindo caminho na cidade já viva e ondulante. De facto, ser bombeiro voluntário é possuir uma riqueza imensa e rara de abnegação e que o povo — esse povo bombeiro — guarda natural e avaramente no mais discreto anonimato.

Tudo está organizado para resposta pronta e eficiente. E esta eficiência pressupõe, necessariamente, prodígios de vontade e de sacrifício, tudo isto perdido também na penumbra e que, por isso mesmo, raras vezes chega ao conhecimento de quantos dela beneficiam. E somos nós todos os beneficiados. E somos nós todos os protegidos. Todos. Ninguém, que assim nos serve tão devotadamente, pergunta quanto valem as vidas que protegem. Suponho que este total desinteresse tem aqui a sua mais alta expressão de inteira, pura e universal humanidade. Por isso não podemos deixar de sentir o mais profundo respeito por estes homens. Por isso não podemos deixar de admirar sentidamen-

te os trabalhadores subterrâneos que permitem, com tanto ou maior sacrifício ainda, a garantia de que os olhos ensonados, de que o corpo ofegante de quem corre, tenha a tal resposta pronta e adequada às necessidades. Tudo a postos para a saída. Começa aqui o gesto do homem-dador. Mas imparável, também, o trabalho extenuante, persistente, perdido na sombra do mesmo anonimato, o que significa, afinal, aquilo a que chamarei espírito de bombeiro, ave rara, que só poucos terão o privilégio de o sentir em toda a sua verdadeira dimensão, em toda a sua plenitude. Conheço alguns, mas nutro por todos eles uma ternura, onde o respeito se alcaprema a cada momento.

Alienados, robotizados, enterrados até ao pescoço nesta sociedade negociante (no dizer de Camus) nem reparámos que o nosso contrerrâneo e amigo David Cristo — e aqui a grandeza do seu trabalho apaga qualquer título académico — foi distinguido com a mais alta e honrosa distinção que se pode atingir adentro de um grupo eleito, não por sufrágio antecedido por campanhas sobrecarregadas de promessas mirabolantes, mas e apenas pelos serviços ímpares prestados ao verdadeiro partido de salvação nacional a que, modestamente, chamamos de bombeiros voluntários. Não houve alardes, como os não há quando se salvam vidas e haveres, quando se protegem as nossas florestas, as nossas obras únicas e insubstituíveis. O bombeiro David Cristo apenas cumpriu. E isso foi tudo, afinal,

quanto se esperava de um verdadeiro bombeiro voluntário. Artista de gosto finíssimo, de variadíssimas aptidões, não regateia o tempo precioso que consome ao serviço da colectividade. E isto é tanto mais de encarecer e de admirar, quanto sabemos o que as letras e as artes têm perdido pela sua falta de disponibilidade. De qualquer maneira, eu não posso deixar de desejar ao amigo e, sobretudo, ao bombeiro David Cristo, uma muito, muito longa actividade.

Como acabámos de verificar, não se tratava de um artigo deliberadamente político, mas, a despeito desta verdade, não deixarei de insistir na loucura, ou melhor, no desplan-te dos autênticos roubos feitos à humanidade mal informada, ou malevolamente orientada, e que assim permite o gasto anual de somas astronómicas em bombardeiros progressivamente mais sofisticados, em porta-aviões, em submarinos atómicos, em ogivas termonucleares, loucuras estas que impedem directamente, ou à tabela, que os nossos bombeiros sejam pagos condignamente, impedem que os nossos bombeiros necessitem de oferecer à cooperação que servem um corpo cansado pelas vicissitudes ligadas à sobrevivência. E, finalmente, impedem que o nosso David Cristo possa dar-se de corpo inteiro aos seus escritos, à sua arte, à sua própria família.

CASA PINA

— RESTAURANTE E SNACK-BAR

DE

José Carlos Rodrigues Marques

— E —

Celso Rodrigues Marques

CASA ESPECIALIZADA EM CALDEIRADAS

Rua António Rodrigues, 34-40 — Telefone 22351

3800 AVEIRO

Campos

modas

AVEIRO



Hotel Arcada

Classificado de Utilidade Turística

RESIDENCIAL

★ ★

Rua de Viana do Castelo, n.º 4 — AVEIRO-Portugal — Telefones 23001-23002-21885-21886

Telex 37460 Arcada P

EU QUERIA SER BOMBEIRO ... e dos "Novos"



Era muito miúdo ainda. E lá fui eu, pela primeira vez e pela mão daquela que o Senhor já levou há anos, tentar o contacto com os livros, com a lousa, com os lápis, com as tintas da D. Maria Augusta e com as canadas do saudoso Professor Remígio Sacramento. Naquela Escola do Adro. E logo ali tão longe, quando eu morava paredes meias com o Bairro de Sá.

No Asilo é que não. Era uma escola muito pequena e não tinha Bombeiros. Eu lembro-me que pedi à minha Mãe que me levasse para a "escola lá de baixo" pois gostava tanto de Bombeiros. E como admirava tanto o senhor António Monteiro, a largar a casa, a largar tudo. As batatas e o bacalhau às vezes nem sequer ainda saboreado! É que eu morava num primeiro andar e dava conta (ai os ouvidos da mocidade...) que estava a tocar ao fogo. E, lesto que nem um gamo, galgava as escadas e os poucos metros que separavam as nossas casas e gritava: "Senhor Monteiro: está a tocar ao fogo".

Motorista de profissão ele sabia que os carros das "bombas" como se diz na Madeira (e que me causou imensa confusão ao visitar a Pérola do Atlântico) não poderiam sair do quartel se ele ou outro colega da "rodinha" não chegasse lá. E era vê-lo a sair, ali do Beco das Galinheiras, na sua velha bicicleta a pedalar, qual Nicolau do seu tempo, para galgar os mil e tal metros que

o separavam do quartel, com a ladeira da Fonte Nova ainda para vencer.

Sim. Porque o "Ti António Monteiro" era dos "Velhos". Quantas vezes, sentados à soleira da sua porta, ele me contava histórias enormes dos bombeiros. Das corridas, do toque da sineta (que isso de sirenes era um luxo que existiria mais tarde), das agulhetas e da água que às vezes lá não chegava. Das escadas, das vacas que caíam aos poços. De tantas e tantas coisas que eu, embebecido, ia ouvindo. Às vezes sozinho, outras com os catraios do meu tempo. Era a nossa "televisão" desses anos já longínquos. Histórias que fizeram história, feitos que nos faziam sonhar. Homens que admirávamos e respeitávamos.

Por tudo isso eu nunca me escusava de o chamar: "O Senhor Monteiro, ó senhor Monteiro, está a tocar ao fogo. E deve ser grande, pois já está a tocar há muito tempo". Mas quem se mostrava muito admirada era a minha Mãe. Ela não atinava que eu, sendo dos "novos", (torcendo pelos novos sim, senhor) fosse tão pressurosamente dar o alerta ao "chauffeur" dos "velhos". Eu também não atinava com o porquê. Mas hoje não é difícil adivinhá-lo. Era o sentido do humanitarismo que, em cada um de nós, desponta, sem disso darmos conta. Como, afinal, envolve toda a vida do Bombeiro Voluntário Português.

Voltando aos nossos quatro anos de escola primária lembro-me que era uma alga-

zarra pegada sempre que o alarme era dado no velho quartel do Adro. Ninguém mais parava no lugar. Cabecitas ao alto, „trazeiros“ que se levantavam das carteiras, pedidos (quase sempre recusados) de “ó Senhor Remígio dá licença que vá fora?”. Quem é que descansava enquanto os bombeiros, meios vestidos, meios calçados, capacetes a reluzir nas cabeças ou enfiados nos braços, não se atiravam para os carros (que às vezes era preciso empurrar para que os motores pudessem dar sinal de vida) e depois voltavam a esquina, rumo às Pontes, ou pela Rua do Seixal em direcção à parte nascente da cidade. E se acontecia este último caso, eu ficava inquieto, porque morava para esses lados. É que havia mais um irmão pequenito, atraquinado, e nem sempre a minha Mãe estava em casa.

Bom. Era esse receio e também a possibilidade de um feriadito em que o “Ti Remígio” era parco (contando-se pelos dedos das mãos as faltas que deu ao longo desses quatro anos de escola primária).

Quando isso acontecia ninguém vinha para casa, primeiro era a algazarra do costume, com a D. Maria Augusta a ralar-nos e a ameaçar-nos com isto e aquilo. Depois um joguito de futebol, com as balizas demarcadas uma entre as duas velhas árvores (ainda hoje companheiras silenciosas desses tempos de felicidade incontida) e a outra cá mais para baixo. Exactamente (muitas vezes) a porta do quartel. Tinha muita “ficha” a bola entrar sem quaisquer dúvi-

das. Com os calhaus era sempre uma confusão dos diabos. Na porta não. Se entrava, entrava mesmo. Era golo. E dos bons. Sem “engrapadelas”.

No final e como “recompensa” do velho quarteiro lá íamos nós todos, com panos, escovas e graxa, e vai de dar lustro aos capacetes, aos amarelos dos carros ou das botas dos bombeiros. Era uma coisa em que todos nós esmerávamos, porque aqueles eram os “nossos Bombeiros”. Viviam paredes meias connosco. Faziam parte das nossas pequeninas vidas. E entrávamos com eles na disputa, quando havia jogos com os nossos condiscípulos da Glória. Se perdíamos o jogo da bola, era certo e sabido que nos defendíamos com os “nossos Bombeiros”. “Eles é que são bons”. Dão cada coça nos vossos, que já são “velhos”. Era a rivalidade que se manteve pelos tempos fora. Que alimentávamos em criança e que ainda (para que negá-lo?) ainda existe hoje uma restezinha cá dentro do já cansado coração. Evidentemente que uma rivalidade sã, daquelas em quem chegar primeiro melhor e mais depressa serve o próximo, daquelas em que a maior beneficiária é a comunidade em que os nossos queridos “Bombeiros Novos” servem tão devotadamente.

Daí que eu dissesse em criança, num sonho que nunca fui capaz de materializar: “Eu quando for grande quero ser Bombeiro, mas dos Novos...”

José Naia

BOMBEIRO VOLUNTÁRIO ONTEM, HOJE E AMANHÃ



E

sta coisa de ser Bombeiro — particularmente Bombeiro Voluntário — tem muito que se lhe diga e faz pensar.

Creio que muito boa gente terá, já, tido oportunidade de reflectir — especialmente quando lhe é dado assistir à passagem dos carros de Bombeiros, com as sireias a silvar, abrindo caminho ao encontro de uma emergência em que a sua acção de socorro é reclamada — sobre quais as motivações que impõem aqueles homens a largarem ócios, descanso, tranquilidade, convívio, passatempos e, até, trabalho para acorrerem a um chamamento de aflição que tem na sua origem vidas e bens em perigo de se perderem ou de serem seriamente afectados na sua integridade.

Não valerá a pena procurar os motivos que determinam o Voluntário a tudo deixar e a lançar-se, numa corrida, ao encontro de uma angústia, quer esta se manifeste e se materialize por um naufrágio, por um incêndio, por um desastre, por uma inundação, ou por qualquer situação em que outros homens e a sua fazenda sofrem e estão sujeitos a perecer, porque esses motivos não seriam, certamente, encontrados.

Quem será capaz de descortinar as ra-

zões que levam o Voluntário a expor-se ao perigo, dando tudo, pondo — quantas e quantas vezes — a sua vida em risco, sem nada pedirem em troca?...

Não haverá, ou não há, razões que expliquem a atitude do Bombeiro Voluntário, mas uma coisa é certa: o Bombeiro Voluntário é um homem bom e normal da nossa sociedade que aceitou — sem que nada ou alguém o compelsse — sacrificar-se pelo seu irmão homem quando este chama por socorro.

Este “homem bom”, o Bombeiro Voluntário, surgiu na sociedade portuguesa há um pouco mais de cem anos e de tal modo se multiplicou que, hoje — poderemos afirmá-lo — constitui a principal base do socorismo em Portugal. Hoje mais de quatrocentos Corpos de Bombeiros Voluntários, formando um “pacífico exército” com cerca de 35 000 homens, constituem o grande esteio do socorismo no nosso país.

Terá o cidadão comum consciência desta realidade? Suponho que sim, embora, por vezes, essa consciência não seja plena. Terá o cidadão comum consciência de que se o Voluntariado fenescesse, em Portugal, a sua protecção na emergência ficaria seriamente afectada, a sua segurança no quotidiano diminuída e as suas horas amargas



seriam muito mais amargas e dolorosas? Terá o cidadão comum alguma vez pensado quanto lhe custaria a substituição do abnegado voluntariado por equipas profissionais de secorristas? Terá o cidadão comum consciência do quanto cada vez mais se exige ao Voluntário, pois que com o avanço da civilização crescem os riscos, em número e agressividade? Saberá o comum dos cidadãos que em cada dia que passa esse homem bom que é o Bombeiro Voluntário tem que ser posto ao corrente de novos perigos que a sociedade civilizada gera e tem de adquirir conhecimentos sobre novas tecnologias e tem de estar habilitado a manobrar, com êxito, equipamentos cada vez mais evoluídos e, portanto, de trato mais exigente?

E o cidadão de Aveiro, terá ele consciência que vinte e quatro horas por dia e trezentos e sessenta e cinco dias por ano, os seus Bombeiros — todos Voluntários — há mais de um século estão prontos a responderem ao seu apelo de ajuda e de socorro?

Em 1882 surgiu em Aveiro o primeiro Corpo de Bombeiros Voluntários e vinte e seis anos depois surgiu o segundo. Por que uns eram, relativamente à sua fundação, mais velhos e os outros mais novos, pas-

saram a ser designados, vulgarmente, por Bombeiros Velhos e por Bombeiros Novos.

Comemora-se, portanto, no corrente ano de 1983, o 75.º aniversário dos “Bombeiros Novos”. Setenta e cinco anos de serviço, particularmente, à cidade e ao concelho e, quantas vezes, para além dos limites deste. Setenta e cinco anos de dávida e de esforço que constituem como que a razão de ser e uma obrigação de cada mais e mais eficientemente os “Bombeiros Novos” estarem aptos a corresponderem às necessidades, em matéria de socorrismo, da sociedade em que inserem e são a sua razão de ser.

São passados setenta e cinco anos durante os quais homens bons e dedicados, voluntariamente, com farda e sem farda — pois à rectaguarda dos Bombeiros com farda estão sempre os “Bombeiros sem farda”, e sem estes aqueles não podiam existir — uns após outros se sucederam, arrastando canseiras e trabalhos, tendo-nos legado esta instituição — a Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes — que temos que sustentar e dignificar no presente e projectar no futuro.

BOMBEIROS NOVOS, presente!...

Assim foi ontem, assim é hoje, assim será amanhã.

ENG.º JOÃO DE OLIVEIRA BARROSA

SEMPER ET UBIQUE...

Os "Velhos" tinham um lema:
SEMPER FIDELIS.

Os "Novos", nada. Nunca disso tinham curado, se bem que, sem lema, tenham vivido, e bem, ao longo de 75 anos que virão a ser perfeitos no próximo dia 30 de Novembro. Setenta e cinco anos sem lema têm que ter, mesmo, na sua base, no seu suporte, no seu ânimo, um lema não escrito, mas bem vivido.

Contudo, a vida destes "novos" bombeiros, jovens de 75 anos, mereceria, merece, merecerá um lema que, síntese, os abone em relação aos outros, a todos, bombeiros ou não, que todos, no fundo, de bombeiros temos o pouco.

SEMPER FIDELIS também são os "Novos", no seu exemplo, na sua abnegação, na sua doação à mesmíssima causa que, sempre, os "Velhos" animou.

Daí que só um "quid" distintivo pudesse, autonomizá-los, aos "Novos", garantindo-lhes contudo, a herança dos bons exemplos dos "Velhos".

Nisso nos quedámos no busquejo. E foi fácil. Mais jovens, novos, optámos por, tão simplesmente:

SEMPER ET UBIQUE (FIDELIS). Fiéis como os exemplares bombeiros donde viemos.

Em toda a parte para lhes garantirmos a permanência de atitude. Quiçá, com renovada seiva. Quiçá, com renovados meios. Quiçá, com diferenciadas, estimuladoras diferenças.

É facto que os Bombeiros Novos estão na Beira-Mar. São da Beira-Mar. Apetecem as águas da Ria, seus esteiros; as águas do

mar, suas ondas.

Salgados pela mareza do vento norte respiram sal que as cebolas condimentam.

E porque até no condimento se realizam **UBIQUE** estão, onde a necessidade obriga.

FIDELIS, segundo o bom exemplo de quem lhes garantiu a promanação; mas **UBIQUE** e até onde o seu ânimo permitir.

O lema que não existia, aí fica, resultado de boa aprendizagem:

SEMPER ET UBIQUE, qual grito de salutar emulação.

Lema que não é só lema. Antes, esboço de definição da indefinível capacidade de doação que aos bombeiros se reconhece.

Na cidade dos dois, abençoada a hora que permitiu surgir os **BOMBEIROS NOVOS**.

Até em matéria de bombeiros, Aveiro é mais Aveiro. Para bem de Aveiro; para bem do **SERVIÇO À COMUNIDADE**; para bem de cada um que, sendo bombeiro ou servindo os bombeiros, nesse espírito se realiza.

Em casa nova sabe bem sentir o que vem de trás. O exemplo pesado da **HISTÓRIA** garante que aqueles que nunca tiveram lema escrito o merecem, porque o mereceram e o merecerão. Este será, fielmente:

SEMPER ET UBIQUE!





Rua Mendes Leite, 1

Largo da Apresentação, 24 a 27

RESTAURANTE

SNACK-BAR

CHURRASCARIA

Telefone 24566

3800 AVEIRO

OURIVESARIA
VIEIRA
e
OCULISTA
VIEIRA

R. Viana do Castelo, 7 e 21 — Telef. 23274

AVEIRO

Almoços — Jantares — Petiscos — Dormidas

Casa Lê Bissa

Especialidades

CALDEIRADAS
ENTRECOSTO ASSADO

Vinhos

Vinhos do Lavrador
e de Marca

Rua dos Marnotos, 26 — Telef. 22277

3800 AVEIRO

Casa Lima DE *Limas & Matos, L.da*

Ferragens — Ferramentas — Utensílios Domésticos — Tubos

Parafusos — Torneiras, etc.

Praça 14 de Julho, 4

Telef. 21305

3800 AVEIRO



Av. dos Bacalhoeiros
GAFANHA DA NAZARÉ
3830 ILH A V O

bibRIA Telef. 36130 — 36610
Telex 24484 — FRIMUNDO P.

PESCA LONGÍQUA DA PESCADA

NAVIO «ILHA DE S. NICOLAU»

Indústria de Transformação e Congelação de Produtos
Alimentares

MARCA «FRIMUNDO»

Café Cervejaria Rossio de Aveiro

Classificado de Interesse para o Turismo

Telefone 24576 — Rossio, 8 - A
3800 AVEIRO

CASA ESPECIALIZADA EM PREGOS E MARISCOS

LANDEIRA ALFAIATE

Secção de Fazendas

Largo da Apresentação, 4 — Telef. 22781

3800 AVEIRO



Acófia * Aço e Frio Hoteleiro, Lda.

Cais das Falcóeiras, 20.21 — 3800 AVEIRO
Telef. 29931

FABRICAMOS :

- VITRINAS FRIGORÍFICAS
- ARMÁRIOS DE TALHO
- BALCÕES FRIGORÍFICOS
- ARCAS FRIGORÍFICAS

CASA POMPÍLIO

— de *Pompílio da Silva Barrento*

MATERIAL ELÉCTRICO — REPARAÇÕES

CANDEEIROS — INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

PRAÇA 14 DE JULHO, 3 — Telef. 23166

3800 AVEIRO

RECLANGOL

RECLAMOS LUMINOSOS, L.D.A

Rua Cónego Maio, 101 — Telef 25025 — 29754 — S. BERNARDO
AVEIRO

Confeccionou o Reclamo Luminoso da C. V. S. P. «Guilherme
Gomes Fernandes» — BOMBEIROS NOVOS DE AVEIRO

OURO — PRATAS — JÓIAS

— E RELÓGIOS —



Ourivesaria PRINCESA

de —

João Rodrigues das Neves

OFICINA PRÓPRIA

R. Coimbra, 19 — Tel. 24407 — AVEIRO

João Rocha

COMÉRCIO DE CARNES

R. José Estêvão, 14 a 16 — AVEIRO

Telefone 23571

Henrique Ramos

Trabalhos para Amadores
Retratos de Arte
Tudo para Fotografia e Cinema
Fotografias a cores naturais

TELEFONE 23827

ESTÚDIOS: RUA DIREITA, 29 e AV. DR. L. PEIXINHO, 8 (FILIAL) — 3800 AVEIRO

1983 - Ano Santo

VIAGENS ESPECIAIS A ITALIA
EM AVIÃO E AUTOCARRO
SOLICITE - NOS PROGRAMA



AVEIRO

Agência de Viagens e Turismo, L.da

PRAÇA GENERAL HUMBERTO DELGADO, 12 - 14
TELEFONES 21755/6 3800 AVEIRO

PARA EXECUÇÃO

Telefone

DOS SEUS ÓCULOS

23570

OCULISTA
Verde & Simões, L.da

Rua de Viana do Castelo, 13-14

(junto à Ourivesaria Mourisca)

Fornecedor das instituições

de Previdência

A VEIRO

Modas
Augustos

de

Maria Augusta de Jesus T. Samagaio

R. Gustavo Ferreira Pinto Basto, n.º 12 C

Telefone 26284

3800 AVEIRO

T I N T A S

ALCATIFAS — PAPEL DECORATIVO

Valentine e Sotinco

RIACOR

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO L.D.A

AZULEJOS — SANITÁRIOS — MOSAICOS PLÁSTICOS

PAVIMENTO CERÁMICO

Rua Gustavo Ferreira Pinto Basto, 41

Telefone 25174

3800 AVEIRO

CASA ARISTIDES

— DE —

Aristides Martins Pereira

FAZENDAS — MODAS — MIUDEZAS

Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 30
Telef. 23510 AVEIRO

Duarte & Irmãos

(CASA DOS JORNAIS)



Jornais — Revistas — Totobola

LOTARIA — VALORES SELADOS

SAPATARIA VICTOR

Victor Couto, Martins & Peixinho, Lda.

Calçado para Homem — Senhora e Criança

Malas e Artigos para Viagem

TELEFONE 22573

Rua Mendes Leite, 10 3800 AVEIRO



Rua Mendes Leite, 2 e Praça 14 de Julho, 11

(junto aos Arcos)

Telef. 24644

AVEIRO

CORTINADOS — (já prontos)

O COLOSSO

DE: *Gamelas, L.da*

CASA ESPECIALIZADA EM MÓVEIS E ARTIGOS DE ARTE E
DECORAÇÃO

A CASA QUE PRESTIGIA AVEIRO E O PÚBLICO CONSAGROU

bibRIA

RUA DR. ALBERTO SOUTO, 19-A e 19-B

TELEFONE 24824

3800 AVEIRO

Martins
&
Trav's *Madail,*
L.da

Avenida 25 de Abril — Telef. 28858
3830 ILHAVO

Rua José Estêvão, 24 — Telef. 29370
3800 AVEIRO

Alameda 5 de Outubro — Telef. 52619
3750 ALBERGARIA-A-VELHA

VESTUÁRIO P/ GENTE MOÇA

CASA DO TURISTA

DE

Manuel Oliveira da Rocha

— Novidades e Especialidades Regionais —

Rua dos Mercadores, 23.25 (Aos Arcos)

Telefone 26825

3800 AVEIRO



Desportolândia

ARTIGOS DESPORTIVOS, L.DA

RUA CLUBE DOS GALITOS, 2, 3 e 6
APARTADO 354 — 3806 AVEIRO CODEX Telef. 25870

TUDO PARA DESPORTO E CAMPISMO

CASA

Peguerto

PEGUERTO GARCIA & C.ª L.da

Rua Viana do Castelo, 9, 10, e 16

Telef. 23606

3800 AVEIRO

ARMAZÉM
DORMIDAS FERRO

Rua dos Marnotos, 39

Telef. 22214

3800 AVEIRO

Farmácia
Central

ESPECIALIDADES FARMACÉUTICAS

ARTIGOS DE BÉBÉ

PERFUMARIA ETC.

Rua dos Mercadores, 26-28

Telef. 23870

3800 AVEIRO

Canteiro Florido

C/ ESTUFA PRÓPRIA DE PLANTAS

ARRANJOS FLORAIS

Rua Batalhão de Caçadores 10

Telefone 24725

3800 AVEIRO



OPTICA
NASCIMENTO

Rua Combatentes, 18 — AVEIRO

Telef. 24252



Hotel IMPERIAL

Declarado Oficialmente de Utilidade Turística

Rua Dr. Nascimento Leitão

3800 AVEIRO Portugal

TELEF. 22141 (4 Linhas)

TELEG. IMPERIAL

TELEX 37594

Restaurante **O Telheiro**

TELEF. 211 22 02

ANTIGA CASA DA SARDINHA ASSADA

Gerência de: DANIEL, DIAS e VICTOR

RUA MAJOR AFONSO PALA, 50

1496 ALGÉS

J. Ramos

Casa Especializada em:

Fotografia Artística e de Bêbé

Fotografia Instantânea

Laboratório a Cores Naturais

Material para Amadores, Cinema e Fotografia

FOTOGRAFIA

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 108

Telefone 222268

3800 AVEIRO

belsan

ABEL SANTIAGO, L.DA

Rua Eng. Silvério P. Silva, 18

3801 AVEIRO Codex — Portugal

COMERCIO GERAL — IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

Telefs. 22131 - 22676

Apartado 61

Telegramas BELSAN

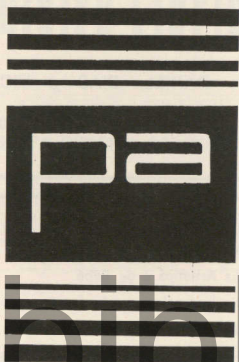
Prazeres

B O U T I Q U E

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 85 - A

Telef. 23769

AVEIRO



PASTELARIA E CONFEITARIA

AVENIDA

Aníbal Ramos, L.da

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 86-88

Telefone 23289 — AVEIRO

Casa NICY

CONFECÇÃO JUVENIL E CRIANÇA

J. Figueiredo & C.a, L.da

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 74

Telef. 28885

3800 AVEIRO

Matias & Irmão, L.da

OURIVESARIA

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 78

Telef. 22429

AVEIRO — Portugal



Galo d'Ouro

TELEFONE 23456

RESTAURANTE

Declarado de utilidade turística

Déclaré d'utilité touristique

Declared of touristic utility



AVEIRO — Portugal

João Moreira & Comp., L.da

CONSTRUTOR CIVIL

Encarrega-se de todos os Serviços de Pintura

Rua Abel Ribeiro n.º 10

Telef. 28261



LOPES & FILHOS, LDA.
SEDE CASA LOPES DE PENAFIEL
Rua Combatentes da G. Guerra, 12

FILIAL CASA PARIS
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 68
Telef. 23772 — 3800 AVEIRO

Arménio de Figueiredo & C.^a, L.^{da}

RUA AGOSTINHO PINHEIRO, 11

TELEF. 23575

3 800 AVEIRO

Galerias Preço Popular — Veste Pais e Filhos

CONFECÇÕES — MODAS — LANIFICIOS — GABARDINAS
ENXOVAIS PARA CASAMENTO, BAPTIZADO E COMUNHÃO
COLCHAS — EDREDONS — PRONTO A VESTIR

LOTARIAS Camião

TOTOBOLA

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 87.B Telef. 24817

3800 AVEIRO



Secção Ortopédica

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 89-A

Telefone 24552

3800 AVEIRO



Joãoquin d'Oliveira Sérgio, F.^o, L.^{da}

ARMAZÉM DE LANIFICIOS

1.º CENTENÁRIO

1883 — 1983

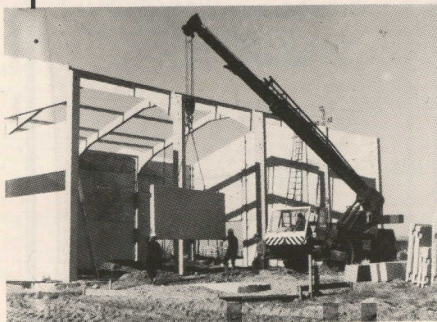
Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 66

Apartado 41

AVEIRO

Comemorando-se este ano o centenário da fundação desta firma em Oua — Vagos e o 45.º aniversário do n/ estabelecimento de Aveiro, aproveitamos para agradecer aos n/ Estimados Clientes, Fornecedores e Amigos, todas as atenções dispensadas ao longo de todos estes anos, com a certeza de que tudo continuaremos a fazer para mantermos o favor da v/ preferência.

EM TERRA SE PENSA...



UMA EMPRESA VIRADA
PARA O FORNECIMENTO
DE PEIXE FRESCO AO PAÍS...

INDÚSTRIA AVEIRENSE DE PESCA, LDA.

TELEFONE: 36122, 36637 e 36129, END. TEL.: MILENA

TELEX: 37324 MILENA P

APARTADO 327

3806 — AVEIRO CODEX

FROTA DE ARRASTO COSTEIRO

EM PORTUGAL:

CAPITÃO CORUJO
JUVENÍLIA
SANTA CATARINA
MESTRE ANTÓNIO CINTRA
JOAQUIM HENRIQUES
ANTÓNIO MARIA FERREIRA

EM MARROCOS:

MARIA PATICA
SENHORA MALEK

UMA FROTA MODERNA
A CAPTURAR NA
COSTA PORTUGUESA
E, ATRAVÉS DA SUA
ASSOCIADA,
A.P.N.A. — ARMEMENTS
ET PÊCHES NORD — AFRICANS, S.A.,
NA COSTA DO REINO DE MARROCOS



... NO MAR!

- APRESTOS E CABOS INDUSTRIAIS E MARÍTIMOS PARA TODOS OS FINS
- CORRENTES NORMAIS E ESPECIAIS
- DIFERENCIAIS ELÉCTRICOS E MANUAIS, ETC., ETC.
- EXISTÊNCIAS PERMANENTES

bibRIA

Oliveira, Simões, & C. da



— CASA ESPECIALIZADA

— ESTUDOS E ASSISTÊNCIA TÉCNICA

S E D E :

Av. 24 de Julho, 3-B a 3-E — Telef. 660323-671231 — Lisboa (Portugal)

F I L I A L :

Avenida dos Bacalhoeiros — Telef. 36728 — Gafanha da Nazaré

D E P Ó S I T O S :

LISBOA — FIGUEIRA DA FOZ — AVEIRO — MATOSINHOS

OURIVESARIA

Tibério

Consertos de ouro e relógios

— TELEFONE —

21949

Rua Direita, 54

3800 AVEIRO

*Loja
das Meias*

Telefone 22454

Rua José Estêvão, 22 — AVEIRO

estúdio
2002

AMBIENTE E QUALIDADE

Av. Dr. Lourenço Peixinho, n.º 181

AVEIRO

AR CONDICIONADO

bibRIA

Capa: Cândido Telles

Arranjo gráfico: Gaspar Albino

Gratismo: J. Anjos

Execução gráfica: Tipave/Avelro



BOMBEIROS NOVOS
COMPANHIA VOLUNTÁRIA DE SALVAÇÃO PÚBLICA
GUILHERME GOMES FERNANDES